

**EUARISTO Lima**  
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.

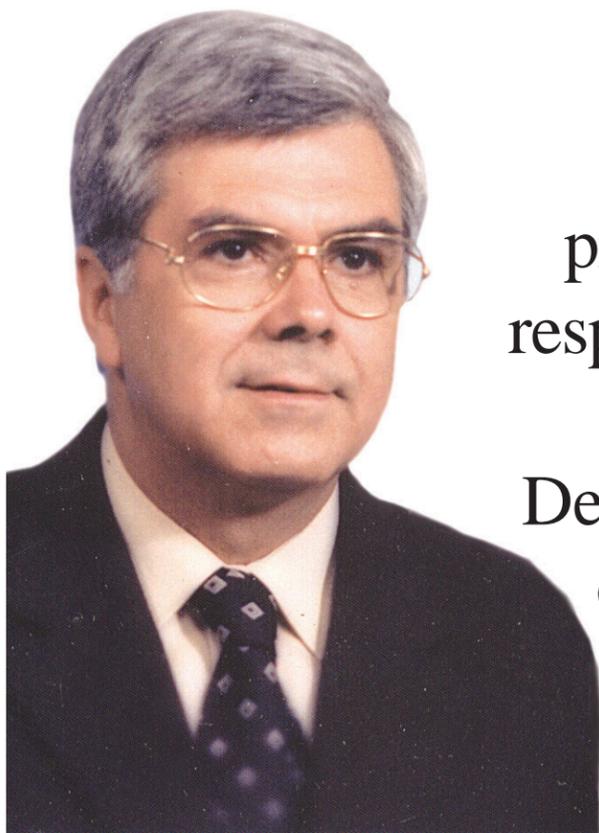
Fornecemos e montamos todo o tipo de  
**Coberturas Metálicas Auto-Portantes**  
**BLOCOTELHA E INTERTELHA**

Av. Luís de Camões, 14  
9600-563 RIBEIRA GRANDE  
Telef. 296.470160  
Fax 296.470165  
e-mail: evlima@mail.telepac.pt

**Peça-nos orçamentos**

## Eduardo Vieira

### Presidente da Assembleia Municipal de Ribeira Grande



‘A Assembleia Municipal é o primeiro órgão de responsabilidade do Concelho. Depois dele, vem o órgão executivo: a Câmara Municipal.’

Mário Moura **PÁG. 6 e 7**

## Via Litoral



# Já mexe!

### Rodeado de Ilha



Fotografia: I de Sousa Gomes

## Cadências

João Miguel Fernandes Jorge

### Perfil

## Berta Hintze

### Uma dama de pulso



Hermano Teodoro **PÁG. 8 e 9**



**Cartoon**




**RUI & GASTÃO, LDA.**  
Praceta da Pranchinha, Nº20  
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919  
9500 Ponta Delgada

PME comércio  
excelência 2000



**YARIS**

**Crie a sua história**

## Editorial oliveiramoura@mail.pt

### Fragilidades privadas e autismo da voz?

Caro Sr. Gustavo Moura, duas das ideias-chave contidas no seu artigo, 'Nove ilhas, nove realidades, um só destino' (*Correio dos Açores*, 16.01.02), suscitam-me duas questões e estas levam-me a duas possíveis razões.

**Uma primeira ideia-chave:** a iniciativa privada, medite-se na edificante e exemplar ciência do Sr. Almeida e Azevedo, accionista principal da 'Transmaçor', não a gula de infra-estruturas regionais, é o destino incontrovertido e consistente do **nosso** desenvolvimento insular. Deveria ser, mas infelizmente não é porque:

a) Se assim fosse, se as **apetecidas** infra-estruturas regionais não fizessem falta ao desenvolvimento local, por que razão não as transferem de bom grado para a Terceira, ou até para a Ribeira Grande?

b) Se assim foi, se ao tempo da implementação das estruturas da Região Autónoma, não tivessem feito falta à economia local, por que razão, revisite-se a imprensa da época, as três ex-capitais de Distrito as disputaram tão ciosa e encarniçadamente?

**Possível razão:** não será porque a iniciativa privada açoriana, tal como há um quarto de século, apesar do avanço relativo da de Ponta Delgada, continua frágil e perigosamente dependente da iniciativa pública, estando mesmo os seus sectores mais independentes dependentes quer de benesses públicas, quer de investimentos públicos, quer da privatização de serviços públicos?

**Uma segunda ideia-chave:** os Açores são nove ilhas, nove realidades, um só destino. Deveria ser, mas infelizmente não é porque:

a) Se assim fosse, por que razão só se tem tido, regra geral, prioritariamente em conta o que grupos de pressão com interesses investidos nas três Cidades, ex-capitais de Distrito, cada vez mais desunidas, nos destinam?

b) Se assim foi, por que razão só se teve prioritariamente em conta o que grupos de pressão com interesses investidos nas três Cidades, então alegre e conjunturalmente unidas, nos destinaram?

**Possível razão:** não será porque o 'a uma só voz' ideal, por puro paradoxo, agora que a estrutura urbano-social do arquipélago é outra, tende cada vez mais a ser, daí as latentes e constantes dissenções no seio da sociedade açoriana, 'uma só voz' real: voz impaciente, egoísta, arrogante, pior, autista?

**Oliveira Moura**



## Caixa do Correio

Fiquei indignado com o facto de, repetidamente na Comunicação Social, surgirem referências depreciativas à nossa pretensão de ter um Instituto Politécnico, mais precisamente: 'Universidade vão de escada!' Tenho gente na família que frequentou o então Instituto Universitário dos Açores, e apesar das enormes dificuldades iniciais, sacrifícios, 90% dos docentes vinham aos fins-de-semana dar cursos acelerados, os restantes 10% eram professores que transitaram do Liceu, todas as valências estavam concentradas no exíguo edifício da Reitoria. Era tão grande a penúria que os alunos aguardavam a saída de outras aulas para disputarem cadeiras para a próxima aula. Todavia, ninguém lhe deu aquele vergonhoso nome, pois estávamos cientes da importância de que tal estabelecimento se revestia para os Açores.

**J. Pacheco, Ribeira Grande**

Senhor Director

A nossa Câmara tem carradas de razão ao dizer que é discriminada pelo Governo Regional.

Ouvi com estes que a terra há-de comer, da boca de Carlos César, no encerramento da campanha das autárquicas, em Dezembro passado, que a Ribeira Grande estava a passar ao lado do progresso que se fazia sentir no Concelho ao lado (Lagoa). Não o desminto, mas também ouvi com os mesmos ouvidos que, a Ribeira Grande pediu o Hotel-Escola e foi-lhe negado, o Tribunal de Menores e foi-lhe igualmente negado, as quatro faixas para a Via Rápida R.G/P. Delgada, com o mesmo desfecho, etc., em contrapartida, outros pediram um Centro de Novas

Tecnologias e foi-lhes concedido, um Centro de Congressos e foi-lhes concedido. Por que será? Dizem-nos que a razão se prende com o facto da nossa Autarquia pedir a Lua e fazer as 'coisas' sem preparação, atabalhoadamente, e que os outros, pelo contrário, as pedem com fundamento e com viabilidade. Será? Não creio que seja só por isso, pois é evidente a má-fé. E todos os ribeiragrandenses pagam por tabela. Até quando?

**M. Medeiros, Ribeira Grande**

Ribeira Grande (no coração)

Viva a Ribeira Grande e o "Povo Fusíada"!!! Por falar em fusíadas: Conhecem o livro "Os Fusíadas"? Encontra-se à venda em vários estabelecimentos da Nova Inglaterra.

**Alfredo da Ponte, Estados Unidos da América**

Gostei muito da revista muito bem organizada. Um beijinho para o pessoal da Ribeira Grande.

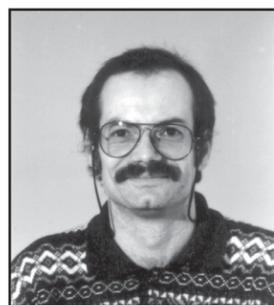
**Brenda, Orlando, FL United States**

Gostei muito de saber da existência desta *Estrela Oriental* que faltava na Ribeira Grande. O jornal está bom e permite a fácil interactividade. Dou-vos os meus parabéns. Já agora: podiam mandar o jornal para a instituição à qual estou ligado: a Casa dos Açores do Norte - Rua do Bonfim, 163 - 4300-069 Porto. Recebemos ali todos os jornais que se publicam na Região excepto um (do Grupo Central). Muito obrigado e longa vida para a Estrela do Oriente.

**José Manuel Rebelo, Porto**

## Plantas Usadas na Medicina Popular (10)

### Coucelos



**Nome científico**  
Umbilicus rupestris

**Identificação**  
Muito vulgar nas paredes velhas, muros e telhados, é também frequente nas cascalheiras, encontrando-se geralmente abaixo dos 500 m de altitude.

**Utilização**  
De acordo com os autores do livro "Segredos e virtudes das plantas medicinais", editado pelas Selecções do Reader's Digest, esta planta apresenta propriedades emolientes, resolutorias, detersivas e diuréticas. Ainda segundo os mesmos autores, no século XIX, os coucelos foram eficazes no tratamento de alguns casos de epi-

A título de curiosidade, apresentamos a seguir alguns dos nomes vulgares por que são conhecidos os coucelos em várias regiões de Portugal: sombreirinhos-dos-telhados e orelha-de-monge, nas Beiras; bifes, em Maфра; chapéus-dos-telhados e fonógrafo, no Porto; e inhamede-lagartixa, na Madeira (Feijão, 1986).



lepsia rebelde, sendo actualmente indicados apenas para uso externo de feridas. Yolanda Corsépius (1997), por seu turno, diz-nos que são usadas as folhas esmagadas para

combater os calos e as calosidades.

**Teófilo Braga**

#### Ficha Técnica:



#### Jornal Mensal

**Director:** Oliveira Moura

**Director-adjunto:** Melo Teodoro

**Colaboradores:** António Valdemar, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Fátima Borges, Fernando Silva, João Teixeira, Luís Noronha, Nelson Tavares, Onésimo de Almeida, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Teófilo de Braga, João Miguel Fernandes Jorge

#### Propriedade:



**Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L.**  
Sede: Centro Cultural de R. Grande

**Publicidade:** Luís Faria

**Contacto:** 919020517

**Paginação:** Francisco Veloso

**Tratamento de Texto:** Marília Dias, Carlos Arruda

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

Correio electrónico: estrelaoriental@portugalmail.pt

Telm. 963560639

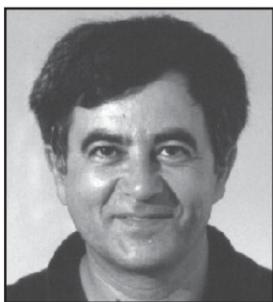
Depósito Legal N.º: 166371/01

Impressão: Coingra

Parque Industrial de R. Grande

Tiragem 1500 exemplares

# Erros ambientais pagam-se muito caro, mas...



A Ribeira Grande tinha até 1563 um vasto areal com cerca de 2 quilómetros de extensão. Da erupção vulcânica do Pico do Sapateiro, depois também chamado do Queimado, correu lava até ao mar, dando origem à zona do Bandejo, cobrindo o solo onde se situa a Ribeira Seca. O fontanário coberto da lava, junto da Igreja de S. Pedro, mostra a cota a que se encontrava a rua. Em vez de uma praia formaram-se duas, a da cidade e a de Sta. Bárbara, que continua a ser o areal mais extenso de S. Miguel, com cerca de mil metros de extensão (as praias de Água d' Alto e das Milícias têm cerca de 400 metros cada).

Nos anos 80 os nossos areais foram alvo de cobiça para extracção de areia para a construção civil, negócio a que "aderiu" a Câmara Municipal. Montou-se uma autêntica indústria extractiva, com máquinas e pessoal da Câmara a encher camiões e com a Capitania e a Direcção Regional do "Ambiente" a cobrar taxas!...

Formaram-se filas de sucatas de camiões que não saíam dali, com o propósito de tomar a vez na fila de espera. Em pouco tempo exauriram completamente a areia da praia, tendo que esperar pela maré vazia para a máquina ir buscar areia ao mar.

Às críticas públicas, às reportagens dos jornais, aos artigos de opinião defensores do ambiente, como de costume não se ligou nada, continuando-se alegre e irresponsa-

velmente a destruir um património público.

Os particulares, indistintamente moradores ou proprietários da zona, seguiram o exemplo e desde garimpeiros até intermediários, fizeram disso modo de vida, depredando um bem que não era seu.

Chegou-se ao cúmulo de sugerir na Câmara Municipal que se emparedasse o areal da Ribeira Grande, à semelhança do que se fizera no de Sta. Bárbara, com o argumento de impedir o acesso, porque a praia era "perigosa".

Não nos pesa na consciência ter ficado calado e quedado, como se pode verificar pelo artigo publicado em 3 de Agosto de 1988 no *Açoriano Oriental*. A pressão da opinião pública teve alguma influência, porque tal actividade acabou por ser superiormente proibida.

Apesar disso continuaram a "garimpar" em tudo o que era possível para encontrar areia, não havendo autoridade que pusesse sob o cobro, até que surgiu a alternativa mais razoável, a de retirar a areia dragada do mar.

Passada uma década, o areal de Sta. Bárbara finalmente começa a ser frequentado, ao invés dos areais de Santana e da Ribeira Grande que ainda não se recompuseram. Foram vencidas as resistências sobre o tema do perigo do mar em Sta. Bárbara, que serviu de desculpa à sua exploração, mas agora pode vir a transformar-se num dos mais apetecidos locais do Concelho, pela sua extensão, por permitir demarcar zonas de banhos, de jogos, prática de surf e ter os equipamentos de salvamento que o estado do mar exija e a vigilância que impeça a natação em dias de mar perigoso, como já aconteceu no ano passado.

## Processo erosivo natural

A erosão ao longo de toda a costa é uma evidência. Os mais distraídos poderão comparar fotografias com uma ou duas décadas de diferença e verificar o recuo da orla costeira, ou comparar os registos prediais com a actual área dos terrenos sobranceiros ao mar. Até na costa de arribas rochosas, como a da zona do miradouro de Sta. Luzia, se têm observado vários desmoronamentos todos os anos.

A exploração da areia terá favorecido a erosão da costa ao longo do areal de Sta. Bárbara? Parece-nos uma evidência, embora seja impossível quantificar. Que tenha sido a única causa da erosão e que seja exclusivamente responsável pelo recuo da linha de costa desde há décadas até agora, parece-nos uma manifestação de ignorância lamentável.

Mas, após várias decisões dos Tribunais favoráveis à Câmara Municipal, o Supremo Tribunal, considerando-a como única culpada, condenou-a à restituição do terreno que se perdeu desde o seu registo até aos dias de hoje! Maior poder tem uma autarquia e mais força que todos os elementos juntos – o mar, o vento, a chuva, as tempestades, os movimentos telúricos, os terremotos!

A ironia pode amenizar a indignação que nos causa tal decisão, mas trata-se de uma sentença para a qual não existe mais recurso nem

contestação.

Não se trata apenas de condenar a autarquia ao pagamento de uma simples indemnização, é uma decisão injusta e incompreensível. Seria um absurdo que qualquer cidadão atingido pela inclemência da Natureza viesse alegar a movimentação de terras para uma qualquer obra de construção civil, por exemplo, e pedir a restituição de terras levadas pela água da chuva.

Não é a Câmara Municipal a lesada pela decisão, porque o seu prejuízo é o de toda a população que vê os seus impostos empregues para fins que não são justos nem sociais. Ficariamos todos sem o dinheiro por culpas de erros passados, mas para quem a culpa falece solteira e por via de uma decisão presente que é lesiva do interesse público.

## Uma autêntica sorte grande

Se a decisão da restituição do terreno e o pagamento de uma indemnização, embora difícil de aceitar, possa ser exequível, o acordo que se pretendia celebrar entre as partes, para executar a sentença, seria altamente lesivo para o Município e ultrapassa largamente o teor da própria sentença do Supremo Tribunal.

Por artes de magia transformar-se-ia o valor da área em volume, ou seja, teria de ser pago o solo e o subsolo até à cota do mar. Resta saber se a cota seria a da

maré cheia ou da maré vasa. Já agora, media-se o volume de subsolo até ao centro do planeta!

A exploração do subsolo não pode ser feita sem licenciamento e esse nunca seria dado em tal local, porque é do domínio público. O máximo valor aceitável seria o do terreno como está registado – 7 alqueires de terreno rústico. Nunca seria possível, como foi acordado, indemnizar por um valor (do volume de terra e pedra como se fosse areia), porque esse valor (a areia, a existir) nunca poderia ser autorizado para ser extraído. Se o foi desde o passado remoto, foi ao arripio de qualquer licenciamento, o que comprova não ser a Câmara a única culpada de eventual influência no desaparecimento da parcela de terreno.

Independentemente dos valores em causa, escandalosamente altos, e em condições de pagamento mais onerosas do que o normal e corrente, pode-se tirar duas ilações deste caso – sobre a responsabilidade de quem exerce cargos públicos e sobre o que significa o património público.

Os responsáveis políticos que exercem cargos públicos exercem-no por delegação da população, ou seja, são os gestores dos bens públicos, escolhidos para os gerirem com zelo e competência. Não podem desprezar os avisos, os conselhos, as críticas, como se fossem donos do seu condado ou coutada

durante o período do seu mandato. Têm de responder pelos seus actos e explicar as suas escolhas.

A segunda ilação é a do respeito que merece o capital que é de todos. O mar, a ribeira, a rua, o jardim, o orçamento de uma Junta de Freguesia, as nossas tradições, a água, o monumento, o ar, é tudo propriedade de todos, que tem de ser respeitada, sobretudo por quem tem responsabilidades. Se a propriedade privada tem de ser respeitada e defendida, apesar de ser um direito fugaz e precário, o que é público não pode deixar de ser defendido e respeitado com o mesmo vigor e com o mesmo rigor.

A Assembleia Municipal ao condenar qualquer acordo lesivo dos interesses da Câmara, logo de todos os munícipes, deu um exemplo de responsabilidade e defesa dos bens públicos. "O mais fácil seria "passar o cheque", mas seria uma irresponsabilidade indisculpável", como afirmou o Dr. José Manuel Cabral.

Que este "caso exemplar" faça reflectir os cidadãos desta terra que merece que lhe seja dada o valor que realmente possui e que não tem sido respeitado.

**Luís Noronha**



**Vieiras, L<sup>DA</sup>**

**MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO**

ALVARÁS e ORÇAMENTOS

**IVL**

Telefs.: 296 472 111 · 296 472 238 · 296 490 150  
Fax: 296 491 732  
9600 RIBEIRA GRANDE

**Fotolinda**

arte em fotografia

Revelações, reportagens, máquinas fotográficas, montagens, etc...

Rua El Rei Dom Carlos, 22  
Ribeira Grande  
Tel.: 296 472 224



**RESIDÊNCIAL**  
RIBEIRA GRANDE  
RESTAURANTE-SNACK-BAR-CAFETARIA

**Cherne na telha**  
**Espetada de espadarte c/ gambas**  
**Rojões com ananás grelhado no espeto**  
**Bife à Residêncial**

R. dos Condes da Ribeira Grande  
Tel.: 296 473 488 | Fax: 296 473 878 | TLM: 917 889 858



**OS IRMÃOS**  
SNACK BAR

Na Galeria Comercial  
do Hiper Modelo na  
Ribeira Grande  
Tel 296 474 559

**Atendimento Rápido**  
**Serviço de TAKE AWAY**  
**Especialidade da Casa**  
**Comida Caseira e Saladas**  
**Aceitamos Encomendas**

Entregue esta vinheta e receba um  
desconto de 10% em qualquer compra  
não é válido com outras promoções  
Válido até 17 de Março de 2002



Com a sua imaginação e a nossa capacidade  
damos forma à qualidade

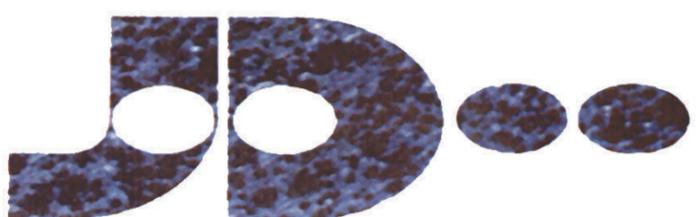


Somos pioneiros  
na serração  
de basaltos

Britas e  
Sarriscas

Areias

Aluguer de  
máquinas e  
camiões



Sede: Largo do Rosário, 129 • Tel. 296 472 375 • Fax 296 472 926  
Inst. Industriais: Rochinha Preta • Tel. 296 472 824

**JOSÉ DÂMASO E FILHAS LDA.**



**A.Machado**  
Na Compra e Venda de  
Propriedades quem decide é **VOCE**

296 30 26 50

REF# 1070 - CASA  
Ribeira Seca  
Total do terreno: 266,10 m2  
Área Construção: 320 m2

Casa a construir no lote 3.  
Composta no r/chão por hall de  
entrada, sala comum, quarto de banho, ampla  
cozinha, quintal e garagem. 1º Piso com  
três quartos, quarto de casal com quarto de banho  
privativo, terraço e quarto de banho.  
2º Piso com amplo salão.  
Obs.- Com excelentes acabamentos.



A Mediação Imobiliária **A NÍVEL MUNDIAL**:

**Regional:** WWW.AMACHADO.PT  
**Nacional:** WWW.APEMI.PT  
**Internacional:** WWW.FIABCI.COM

REF# 1259 - COMÉRCIO  
Maia  
Total do terreno: 285,5 m2  
Implantação do prédio: 177,5 m2  
Quintal: 108 m2

Casa com estabelecimento comercial. Constituída  
no rés do chão por café com sala, dois quartos de  
banho e escritório. 1º Piso com quarto de sala,  
quarto de jantar, três quartos de cama, cozinha  
pequena, quarto de banho, cozinha, quarto de  
máquinas, despensa, garagem, balcão e quintal  
com outro balcão com excelente vista panorâmica.



Rua do Provedor, 11 - 9500-236 Ponta Delgada  
Fax. 296 30 26 59 - INFO@AMACHADO.PT

**MEDIAÇÃO**  
MEDIAÇÃO + SEGURA

www.nn-seguros.com

**Natalícia Maré**  
**Nuno Silva**

Mediação de Seguros, Lda.  
Rua do Passal, nº17B - 1ºPiso  
9600 Ribeira Grande  
Telef.: 296 473666

**Escolha a melhor opção**



**LUSITANIA**  
COMPANHIA DE SEGUROS, SA



Tel/Fax: 296 477 209  
Rua do Bandejo, nº2

*Liberal Henrique Soares Creador e Liberal Creador, Lda*

**2 empresas 1 objectivo**  
**"Garantir a satisfação"**

Construção Civil - Fábrica de Aperitivos  
Café - Cervejaria

Mini-Mercado Ribeira Seca e Farropo  
Armaz. Revenda Prod.Alimentares, Higiene, Limpeza e bebidas

**REPRESENTANTE DOS PRODUTOS DUNA E CAFÉ LÓTUS**



**PRODUTOS ALIMENTARES**

## “Os quês e os porquês”

# Água ferverha

ponte@aer.com



O meu avô do Pico, de quem guardo ricas memórias, era homem de ferver em pouca água. Naquele dia, o almoço chegara ao fim e toda a gente esperava pelo bule de água quente para fazer o café. Mas a azáfama na cozinha era grande, e a chaleira assobiou esquecida em cima do lume. A água ferveu e re-ferveu. Meu avô estava seco da espera. Quando o bule finalmente chegou à mesa, vai de deitar a água saidinha do lume na chávena e pôr a chávena à bo-

ca. A língua desandou-lhe com a escaldadela e, ainda a quente, pôs-se a refilar porque é que deixavam a água para ali a re-ferver, a re-ferver.

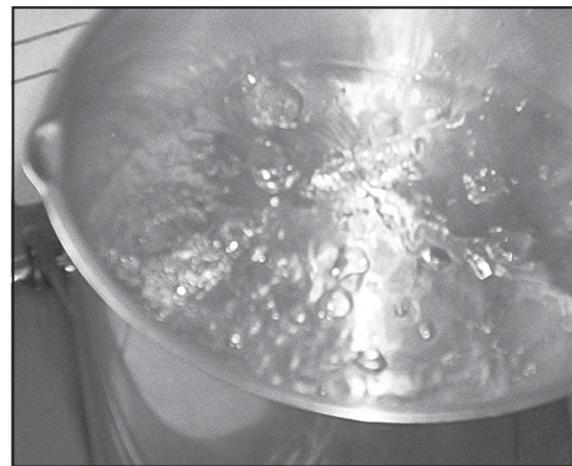
Puro engano de boca, o de meu avô! Depois de pensar duas vezes, puxei dos meus galões e resolvi deitar água na fervura. A chaleira podia estar ao lume uma eternidade, mas depois de começar a ferver, a água mantinha-se a uma temperatura constante, expliquei. Diz-se que a água atingiu o ponto de ebulição. Meu avô engoliu em seco. Mas há-de ter pensado lá consigo como era possível a água se esquecer assim do lume, será que a fervura lhe turvava a memória?

Ora, toda a gente já ferveu água num tacho. (Para os homens que nunca puseram um tacho ao lume, ainda estão a tempo.) Pri-

meiro, aparecem pequenas bolhas presas às paredes do tacho, depois começa a ouvir-se um borbulhar cada vez mais forte, e às tantas desata tudo numa agitação tremenda. Se pudessemos observar as moléculas da água, uma a uma — aqui para a gente, moléculas podem ser a mais pequena gota de água que se possa imaginar —, veríamos que, depois de aceso o lume, começam a vibrar cada vez mais freneticamente. Na nossa linguagem macroscópica, a água está a aquecer. E continua a aquecer até que chega a um ponto (o tal ponto de ebulição) em que a agitação das moléculas é tal que se torna difícil estarem perto umas das outras. Por todo o lado, e especialmente rente ao fundo do tacho, mais perto do lume, as moléculas divorciam-se sem pejo, e

formam bolhas que vêm rebentar com estrondo à superfície. Há um fumegar intenso. É a água que se escapa sob a forma de vapor, que se evapora. É por isso que a temperatura da água se mantém constante enquanto ferve. As moléculas que ultrapassam uma certa vibração, uma certa temperatura, depressa se evaporam.

Água pura, na chaleira de minha avó, fervia com certeza à temperatura de 100 graus centígrados. Mas nisto de ferveduras, mais vale estar prevenido. Junte-se sal à água e o ponto de ebulição sobe. Por exemplo, a água do mar só ferve quando atinge aproximadamente 104 graus. Os sais dissolvidos na água fazem de goma, o divórcio das moléculas requer maior vibração. Por outro lado, a água só se evapora à farta,



se consegue vencer a pressão do ar que lhe está por cima. Quanto maior é a pressão do ar, mais difícil se torna a evaporação, e mais alto é o ponto de ebulição. É esse o segredo das panelas de pressão, onde a cozedura é mais rápida porque o ponto de ebulição acontece bastante acima dos 100 graus.

Foi assim que, naquele fervedoiro de fim de almoço, meu avô ficou a saber que só tinha escaldado a boca por ter sido apressado. Minha avó há-de ter pen-

sado que de nada lhe valia manter o lume alto depois de levantar fervura às couves. Depois da fervura chegar, lume brando dava e restava. E eu percebi porque é que as fervuras de meu avô davam para ele respingar, era para evaporar o mau génio e não aquecer até ao rubro.

Cambridge, Massachusetts

Rui Melo Ponte



A Escola Básica Integrada da Maia é uma realidade do ano 2000 com a construção da EB2,3 da Maia. Engloba oito escolas do Jardim de Infância e 1º ciclo do Ensino Básico e uma escola do 2º e 3º ciclos.

As oito escolas do 1º ciclo e Jardim de Infância estão dispersas geograficamente pelas freguesias e lugares da zona Oriental do Concelho da Ribeira Grande: Lomba de S. Pedro, Fenais de Ajuda, Ribeira Funda, Lomba da Maia, Lombinha da Maia, Maia, S. Brás e Porto Formoso. A EB2,3 está sediada na Freguesia da Maia, integrando os Serviços Administrativos e os Órgãos de Gestão.

Neste ano lectivo de 2001/2002 estão envolvidos no Projecto da Escola Básica Integrada da Maia mil duzentos e treze alunos do Pré-Escolar ao 3º ciclo; catorze educadores; trinta e nove professores do 1º ciclo e cinquenta e quatro dos 2º e 3º ciclos; uma psicóloga; vinte e sete Auxiliares de Acção Educativa; dez Assistentes de Acção Educativa; cinco cozinheiros; nove funcionários do Serviço Administrativo e uma

Comissão Executiva Instaladora, formada por quatro professores dos 1º, 2º e 3º ciclos, incluindo uma Assessoria.

São também intervenientes activos, a acrescentar a essa equipa, os pais, os encarregados de educação e a comunidade em geral.

O Projecto da Escola Básica Integrada — “Tornar Possível... Uma Escola Melhor” — tem merecido o empenho e o esforço de toda essa equipa, que tem aceite o desafio de pensar e reflectir sobre os problemas da comunidade escolar para tentar superá-los, contribuindo, assim, para uma Escola de Sucesso em que, também, a educação para a cidadania não está indissociável do processo ensino-aprendizagem.

Assegurar condições para esse sucesso, tem sido uma “luta”, um trabalho árduo, considerando a escassez de recursos materiais para uma prática pedagógica eficaz, nomeadamente de material para o ensino das ciências experimentais e audiovisuais, para o funcionamento da biblioteca e para a prática da educação física. Tem-se

## Escola Básica Integrada da Maia

# Uma Escola... um Projecto

melhorado em qualquer das áreas, mas o material existente ainda está aquém do desejado.

Outro aspecto que tem merecido o nosso descontentamento e preocupação é o estado de degradação em que se encontram quatro edifícios escolares do 1º ciclo/Jardim de Infância, que continuam a aguardar o início das obras. É urgente que as entidades competentes para o efeito se apressem a concretizar o que já está projectado.

A equipa de trabalho que organizou o Projecto da Escola Básica Integrada da Maia escolheu ser sujeito activo da promoção e da realização multidimensional dos seus alunos, como pessoas que são, pois tem contribuído para valorizar a relação dinâmica escola-família-comunidade. Tem promovido a partilha de responsabilidades com os alunos, a realização de actividades curriculares e extra-curriculares diversificadas e tem reflectido sobre contextos e práticas pedagógicas.

Com a entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 6/2001 - Organização e Gestão Curricular - e visando a adequação do currículo nacional ao contexto de cada escola e turma, estão em execução os projectos curriculares de escola e de turma nos

diferentes ciclos de ensino.

As áreas curriculares não disciplinares têm sido objecto de um trabalho formativo sistemático por parte dos respectivos coordenadores e dos docentes que as leccionam.

Em duas escolas do 1º ciclo (Maia e Porto Formoso), de acordo com os recursos disponíveis, a Língua Inglesa está a ser iniciada com êxito.

Do Plano Anual de Actividades de Escola, destacamos algumas acções sobre diferentes temas, que têm merecido o empenho e a intervenção de toda a comunidade escolar: “A Sida”; “O Euro”; “Os Valores”; “Higiene e Saúde”; “Primeiros Socorros”; “Concursos de Ortografia”; “Olimpíadas de Verbos”; “Semana da Matemática”; “Semana da Informática”; “Corta-Mato”; “Dia do Desporto Radical” e outros eventos pontuais de comemoração dos dias internacionais e festivos.

Segundo as directrizes do Projecto Educativo de Escola e por sugestão dos vários departamentos curriculares e conselhos de núcleo, foi elaborado um plano de formação contínua que visa o enriquecimento, actualização e troca de saberes dos vários intervenientes no processo educativo.

As acções de formação, constantes do referido plano, têm como público o pessoal docente e não docente, os pais e encarregados de educação dos alunos. Como formadores, para além de alguns professores do quadro de escola, foram convidadas algumas individualidades das diferentes áreas do saber. “A Educação Sexual”; “Prevenção e Actuação em Casos de Emergência”; “As Áreas Curriculares Não Disciplinares”; “Organização e Dinamização das Bibliotecas Escolares”; “A Educação Ambiental”; “A Importância da Alimentação na Criança e no Jovem” e a “Iniciação à Informática” foram os temas escolhidos para este ano lectivo. No sentido de dar cumprimento ao Programa Educativo de três alunos com necessidades educativas especiais, e de acordo com o Sub-Programa Despiste e Orientação Vocacional do Programa Cidadania, foi celebrado um protocolo com a Santa Casa da Misericórdia da Maia, permitindo assim, que os alunos, através da observação e experimentação, tenham oportunidade de um contacto directo com um conjunto de actividades que se desenvolvem naquela Instituição Particular de Soli-

diedade Social: Serviço de Cozinha e Lavandaria; Limpeza; Costura e Gestão de Roupa; Tarefas na Farmácia e no Serviço de Administração. Pretende-se, assim, combater o insucesso escolar repetido, que os alunos atinjam um conjunto de competências essenciais para a conclusão do ensino básico e criar condições para o seu ingresso no mundo de trabalho. É muito cedo para fazer um balanço ou uma avaliação do nosso percurso ainda sem termo, mas gratificante pelo envolvimento, pela cooperação e pelo trabalho produzido.

E... como qualquer projecto, o Projecto Educativo da Escola Básica Integrada da Maia, constrói-se e reconstrói-se, num projecto aberto, flexível, interactivo, participado e partilhado, continuando a acreditar no empenho e brio profissional de toda a comunidade educativa.

Conselho Executivo da EBI, Maia

IEI



Instalações Eléctricas Industriais, Lda.

Executamos Instalações: Eléctricas Telefónicas Elevadores Ar Condicionado  
Redes de Distribuição de Média e Baixa Tensão  
Postos de Transformação

Comércio de Material Eléctrico

Rua Eng.º José Cordeiro, 10 APT. 251 9501-903 Ponta Delgada  
Telef. 296 30 23 30 Fax 296 63 64 75 iei.sede@mail.telepac.pt

**Diálogos: Eduardo Vieira**

**Mário Moura**

# Assembleia Municipal está acima da Câmara

## Laivos auto-biográficos

**MM:** Quem é o Dr. Eduardo Vieira, Presidente da Assembleia Municipal de Ribeira Grande, eleito pelo Partido Socialista, Presidente da Assembleia Geral dos Bombeiros Voluntários, do Lar para Jovens, da Academia de Música, Presidente do Conselho Distrital dos Açores da Ordem dos Advogados (biénio de 2002-2004), Vice-Presidente da Assembleia Geral da Caixa de Crédito Agrícola, membro do Conselho de Administração do BCA, dirigente Regional do PS, membro fundador do Lion's Clube de Ribeira Grande e dirigente nacional?

**EV:** O Eduardo Vieira é um cidadão da Ribeira Grande que, como toda a população sabe nasceu neste Concelho, e aqui estudou, fez a escola primária e secundária, porém, por força das circunstâncias, como ao tempo não havia outra forma de progredir nos estudos nos Açores, foi estudar para Lisboa onde tirou o curso de perito contabilista. Aí casou, fez serviço militar, tirou o curso de Direito e regressou aos Açores, como sempre agarrado às raízes e com vontade de trabalhar na sua terra. Regressou com o curso de Direito e o estágio de advocacia feitos para começar a trabalhar na Ribeira Grande. O que na altura era um desafio porque os advogados trabalhavam em Ponta Delgada. Recebi inúmeras recomendações para não abrir escritório na Ribeira Grande, mas sim juntar-me aos colegas de Ponta Delgada. Porém, não tive receio, apesar de o povo dizer que 'ninguém é Rei na sua terra'. Sem pretender sê-lo, quis enfrentar o desafio, fixei-me e abri escritório na Ribeira Grande. Estou aqui há vinte e dois anos. Sinto-me muito bem, creio que as pessoas me respeitam no desempenho da minha profissão e eu respeito-as, procurando dignificar a minha profissão através da prestação de um bom serviço aos que me solicitam e, ao mesmo tempo, creio que, ao fazê-lo, estarei a prestigiar o Concelho. Tenho dois filhos, não nasceram cá, tendo o seu nascimento coincidido com o período em que estive a estudar em Lisboa. Vieram para a Ribeira Grande em 1980, quando a família regressou. Cá fizeram a escola primária, na escola pública, tal como o pai. Fiz questão disso. A minha filha licenciou-se e dá aulas em Lisboa. O meu filho acabou recentemente a sua Licenciatura em Contabilidade e foi estagiar em Março para a República Checa.

## A Assembleia Municipal aprova ou censura o Plano e o Orçamento

**MM:** O que faz uma Assembleia Municipal?

**EV:** A Assembleia Municipal é um dos dois órgãos do Município, o outro é a Câmara Municipal. Reúne ordinariamente por força de lei cinco vezes por ano, em Janeiro, Fevereiro, Abril, Setembro, Novembro ou Dezembro, e extraordinariamente todas as vezes que for necessário. As reuniões ordinárias coincidem com os períodos de apresentação de determinados documentos que a Câmara tem que ver aprovados para dar andamento normal ao seu desempenho ou até para os enviar ao Tribunal de Contas. A Câmara é o órgão executivo, aquele que põe em prática as deliberações que visam a concretização dos objectivos de desenvolvimento sócio-económico e cultural do Concelho. É o órgão mais visível porque é aquele que executa as tarefas do dia-a-dia: licenciando, adjudicando e acompanhando as obras. Porém, os órgãos que executam as tarefas se não forem controlados por outros órgãos, terão a tendência de não respeitar, ou pelo menos não cumprir rigorosamente com as suas obrigações. É para isso que existe o órgão deliberativo que é a Assembleia Municipal. Este tem por função controlar e fiscalizar a actividade da Câmara. Essa fiscalização é feita na altura da apresentação na Assembleia dos diversos documentos emanados da Câmara: o Orçamento e o Plano de Actividades, instrumentos de que a Câmara dispõe para pôr em

prática os Planos de Desenvolvimento do Concelho. Em relação ao orçamento aprecia e analisa a sua conformidade. Quanto ao Plano de Actividades e à prestação de contas, a Assembleia analisa se estão de acordo com os projectos propostos pela Câmara aos munícipes. Este controlo acaba por ser feito na Assembleia Municipal e diga-se que, por vezes, de uma forma muito rigorosa, porque, ao elaborar o Plano, há sempre a tentação comum a todas as Câmaras de exagero. Vamos ver isso, por certo, quando chegarmos ao mês de Abril, altura em que as Câmaras começam a aprovar os seus Planos de Actividades. Nesta altura é só milhões. Uma aprova dois milhões, outra três, ou três e meio. A vontade é sempre maior do que a capacidade que há para concretizar esses planos. O que é certo é que a execução desse mesmo Plano será um ano depois analisada pela Assembleia Municipal e aí é muito triste verificar que a execução do Plano, por vezes, fica a 50%, por vezes ainda menos dos objectivos inicialmente pretendidos. Muito poucos ultrapassam os 60%. Nestes casos a Assembleia Municipal faz uma censura política ao órgão Câmara porque prometeu 'mundos e fundos', abrir ruas e estradas, construir edifícios, canalizar e purificar águas, e depois não os concretizou. O papel da Assembleia, confrontando o planificado com o executado, está exactamente em censurar o incumprimento das promessas. A Assembleia não tem o poder de reprovar, mas sim

o de recomendar alterações ao Plano e ao Orçamento, podendo neste caso devolvê-los à Câmara para estudar as sugestões da Assembleia. O normal é que seja devolvido uma vez para rectificações. Se estas não tiverem acolhimento pela Câmara a Assembleia pode aprová-lo com voto de censura, significando isso que a Assembleia crê que este não tem as condições para que seja possível a sua execução. É, pois, uma censura política.

## Criação do Boletim Informativo da Assembleia Municipal

**MM:** Como pretende divulgar as actividades da Assembleia Municipal?

**EV:** Na última Assembleia Municipal, em Fevereiro passado, foi aprovado por maioria a feitura pela Assembleia Municipal de um Boletim Informativo, um instrumento que reputamos de importante para manter os munícipes informados acerca do trabalho deste órgão autárquico, ou seja das principais actuações da Assembleia Municipal em relação ao funcionamento da Câmara. Algo modesto que circule por todo o Concelho. Porque os munícipes, regra geral, desconhecem na prática o papel da Assembleia Municipal. Em oito anos de experiência autárquica, que me lembre, só duas vezes vi um Cidadão participar nas reuniões e para tratar de problemas pessoais, não de problemas do Concelho, por exemplo do problema da água, da Via Litoral, do Politécnico, etc.. Ainda, elas são por lei abertas

aos munícipes que queiram nelas participar. Daí a razão do Boletim. A tarefa da publicação do Boletim ficou a cargo da Mesa da Assembleia.

## A Assembleia Municipal está acima da Câmara

**MM:** Qual o papel específico do Presidente da Assembleia Municipal?

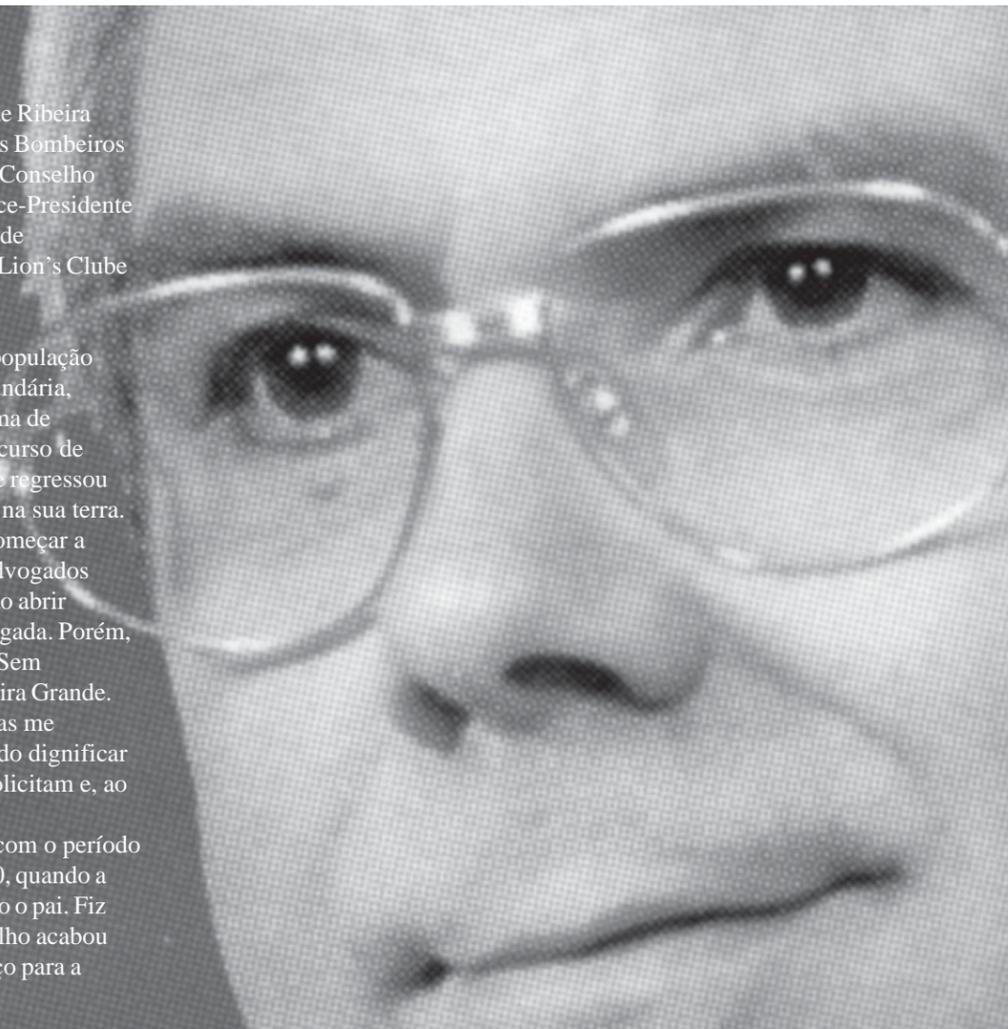
**EV:** É da norma do Protocolo Nacional, Regional e Internacional estar o órgão deliberativo, aquele que supervisiona, acima do órgão executivo. Portanto, a Assembleia Municipal é o primeiro órgão de responsabilidade do Concelho. Depois dele, vem o órgão executivo: a Câmara Municipal. Daí a nossa função e a respeitabilidade que o órgão merece porque tem uma função de isenção, de apreciação à actuação do órgão que lhe está imediatamente abaixo, a Câmara Municipal. Ao Presidente da Assembleia Municipal, o Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, para além da incumbência de dirigir os trabalhos da Assembleia, da convocação das suas reuniões e do acompanhamento da elaboração das Actas das reuniões, cabe o importante papel de representação. Tive sempre a visão de que o Presidente de uma Assembleia não é o Presidente de um partido, tem de saber que está a gerir forças políticas, porque a Assembleia é um órgão político, mas, ao gerir este órgão, tem que marcar a distância necessária para poder dar as mesmas oportunidades, dar o realce às posições dos vogais ou deputados muni-

cipais, sejam de que partido forem. Por exemplo, no mês de Fevereiro a reunião da Assembleia Municipal foi muito 'dividida', viva, com assuntos muito importantes, tendo essa postura ficado bem demarcada. Recebi dificuldades maiores dos membros da minha bancada. O que quer dizer que estava a tratar as coisas procurando ser isento de tal maneira que os membros da minha bancada se sentiram mais à vontade para reagirem contra a orientação dos trabalhos, porque se calhar estava a ser mais rígido em relação a eles. Mas também não pretendo isso. Não é castigar os nossos porque são nossos, mas é para demonstrar que temos de ter um tratamento igualitário. Procuo não cortar a palavra a ninguém, muito embora o Regimento diga quantas vezes e o tempo de intervenção de cada elemento.

## Coabitação normal

**MM:** Qual vai ser o relacionamento da maioria PS na Assembleia Municipal com a maioria PSD da Câmara Municipal?

**EV:** É bom tornar claro que a Assembleia Municipal não existe apenas para censurar a Câmara, aliás, nós já estamos em coabitação. Ela existe para colaborar com a Câmara, só a censurando nos seus exageros, na falta de cumprimento, porque quando ela actua em sintonia com os interesses dos munícipes, a Assembleia até dá votos de louvor à Câmara. A prova é que na última Assembleia, onde se



discutiu um assunto muitíssimo importante, foi bom ver que toda a Assembleia se uniu para dar um voto de apoio ao Senhor Presidente para ter coragem para tomar uma posição bastante difícil em defesa dos interesses do Município. Não convém ficar com a imagem de que a Assembleia é o 'polícia' que controla e apanha, que aponta as falhas da Câmara. Esta é uma imagem errada, a Assembleia existe para que as coisas funcionem bem e para censurar aquilo que é censurável.

**Via Litoral: Temos que dar as mãos para concretizarmos um projecto viável. É importante pormos mãos à obra. Temos que passar da miragem à concretização.**

**MM:** Qual é a posição da Assembleia Municipal em relação aos projectos estruturantes propostos pela Câmara, tais como a Via Litoral, o Complexo Balneário e o Instituto Politécnico?

**EV:** A Assembleia propriamente dita não pode tomar posição em relação a estes projectos até porque eles nunca lhe foram enviados para apreciação. O que acontece é que nós sabemos qual o sentido, o pulsar da Assembleia em relação a estas questões. Como Presidente da Mesa da Assembleia sinto, porém, que a Assembleia acha que estes projectos devem ser concretizados. O Complexo Balneário das Poças é não só uma importante necessidade para o lazer e o bem-estar dos residentes e visitantes, como para atrair à Ribeira Grande potenciais turistas. O que é necessário é que este projecto seja um Plano aceitável e feito à medida das nossas necessidades e capacidades. O que às vezes se vê é que os projectos em estudo excedem a capacidade de realização. A haver, neste caso, censura seria mais à forma de a realizar do que à necessidade da sua concretização. O mesmo acontece com o Instituto Politécnico na Ribeira Grande, pois com certeza todos nós sabemos que é muito importante para o Concelho de Ribeira Grande que aqui se desenvolva mais uma

unidade cultural que venha permitir desenvolver e elevar o nível cultural das nossas populações e mesmo das dos Concelhos circunvizinhos. Contudo, é preciso ver os custos que iremos ter, qual a nossa capacidade financeira, para se concretizar este objectivo. Se a canalização das nossas capacidades financeiras para este objectivo irá fazer falta a outros projectos. É uma questão de prioridade, não uma questão de censura à ideia. Temos que ver se é possível com a capacidade da Câmara fazer isso a expensas do Município. Se este estudo for feito, se se demonstrar que tem viabilidade, tenho a certeza pelo pulsar da Assembleia, que este órgão aprovará uma iniciativa desta natureza, porque, insisto, ela entende que ela é necessária

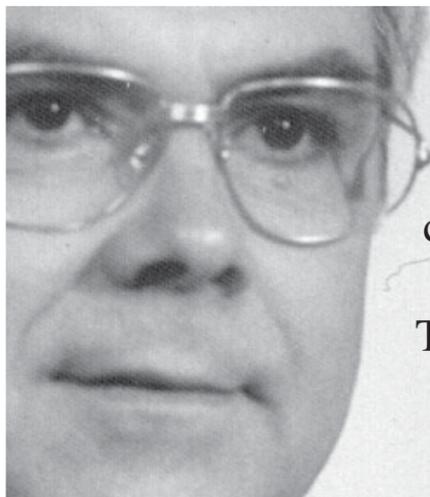
para o desenvolvimento da Ribeira Grande. Quanto à via Litoral, este é um problema 'velho', desde a minha juventude que oiço falar nela, lembro-me do Dr. Jorge Gamboa de Vasconcelos na década de cinquenta ter esboçado um percurso da pretendida Via Litoral. Sabemos que as Ilhas, numa maneira geral apesar da sua configuração estão pouco viradas para o mar, até mesmo as localidades situadas junto ao litoral estão de costas voltadas para o mar. Mas isso era uma atitude de outras épocas, na época em que era imperioso proteger as populações dos perigos que vinham do mar, porém, hoje, tudo isso está ultrapassado. É preciso alterar um pouco a fisionomia das nossas Cidades, Vilas e Freguesias junto ao litoral. A Ribeira Grande necessita dessa Via Litoral não só para a embelezar, para proteger a sua orla marítima, para melhorar o seu ordenamento urbano mas ainda para a tornar atractiva ao turismo. A Ribeira Grande está 'encaixada' no meio de uma concha, não tirando nenhum proveito da sua localização privilegiada junto ao mar. Actualmente, apesar de estarmos na costa Norte, a Zona

Litoral é uma área muito importante a desenvolver. Temos alguns dias em que não podemos estar junto ao mar, mas mesmo o mar alteroso, com aquelas vagas alterosas, é bonito. Adoro ir ao Alabote/Bar no Inverno quase só para apreciar as ondas. Acho que todos nós gostamos. Temos que dar as mãos para concretizarmos um projecto viável. É importante pormos mãos à obra. Não podemos passar de geração em geração, de década em década, e dizer que é agora que se vai fazer uma Via Litoral, continuando esta a ser uma miragem. Temos que passar da miragem à concretização.

**MM:** Sabendo que a Ribeira Grande é um Concelho com muitas carências, o que acha de o Governo Regional responsabi-

lizar-se em parte ou na totalidade pelo financiamento da Via Litoral da Ribeira Grande?

para a concretização deste objectivo. Temos o exemplo recente da Lagoa. Quando se discutia a localização do Tecnoparque de São Miguel, o Município da Lagoa ofereceu não só o terreno, e perante a relutância do Governo Regional que alegava outros problemas, o mesmo Município ofereceu o projecto. O que acabou por decidir favoravelmente a sua localização na



**Via Litoral**  
 'Temos que dar as mãos para concretizarmos um projecto viável. Temos de passar da miragem à concretização.'

lizar-se em parte ou na totalidade pelo financiamento da Via Litoral da Ribeira Grande?

**EV:** Eu entendo que estas obras de grande vulto que obrigam a investimentos muito grandes não podem ser suportadas única e exclusivamente pelo Município. É necessário articular essas necessidades com outras que o Governo tenha programadas para a Ilha. Aquilo que nós chamamos de 'avenida marginal' pode ser perfeitamente enquadrada na necessidade que o Governo Regional tem de melhorar as estradas da Ilha de São Miguel. Podemos, através de negociação, estabelecer uma parceria com o Governo Regional. Este último, por exemplo, ficaria com a responsabilidade da abertura de

## Coabitação normal

A Assembleia Municipal '...existe para colaborar com a Câmara, só a censurando nos seus exageros, na falta de cumprimento, porque quando ela actua em sintonia com os interesses dos munícipes, a Assembleia até dá votos de louvor à Câmara.'

'...O Presidente de uma Assembleia não é o Presidente de um partido.'

'...Não podemos é estar de costas voltadas uns para os outros.'

## Administração de Condomínios

**Servimovel**  
 Rua do Laureano, nº374 - 9500-319 Ponta Delgada  
 Telef. Nº 296 38 39 44 - fax nº 296 38 38 35  
 Telemovel nº 91 90 20 517

Deixe conosco nós tratamos de tudo

## JOSÉ DO COUTO, LDA.

AREIA DRAGADA  
 E AREIA FABRICADA  
 EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS  
 MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ESTRADA REGIONAL, N.º 34 ♦ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR  
 TEL.: 296 470 410 ♦ FAX: 296 470 419



## Rodeado de Ilha

# Cadências

Desci a Rua de Santo António à Estrela e entrei no eléctrico para o Chiado mesmo em frente ao jardim. Ao fim de muitos anos numa cidade, por onde quer que se passe há um momento da nossa vida que regressa e domina os nossos sentidos. Recordações descontínuas vindas do passado, entrecruzam-se com outras bem mais recentes. Surgem sem qualquer ordem ou hierarquia. O eléctrico presta-se, como nenhum outro transporte, a esse ligar e desligar de factos vividos, sempre sugeridos pelo percurso que segue. Àquela hora da manhã, perto das onze, não levava muitos passageiros. Estudantes de belas-artistas, a avaliar pelas pastas de desenhos que dois rapazes traziam e que entraram na Rua de S. Bento. Todos os outros vinham, tal como eu, desde o início. Perto da igreja de Santa Catarina, um automóvel mal estacionado suspendeu a viagem. Deu lugar ao repetido toque que o guarda-freios fez retinir e que se prolongou por algum tempo até o condutor do carro aparecer. É um som alegre, rápido e que provém da ritmada batida de um pedal. Parece um desenvolvimento da incerteza. Sei que não passa da sonoridade de uma campainha, que se prolonga num crescendo semelhante a pequenos sinos. Um som límpido que repentinamente se suspende no ar da manhã da Calçada do Combro; e logo recomeça. Não passa da campainha do eléctrico (suponho que não devo

chamar-lhe apito e muito menos buzina), mas comparo-o com os sons ouvidos nas insónias juvenis. Tempo, de descontinuidade introduzida no sono. Uma descontinuidade essencial, pois creio que lhe podemos atribuir o que encontramos de suportável na vida, enquanto nos leva a acreditar na mais valia do sono.

Quando, umas horas mais tarde entrei na Biblioteca Nacional para ver a exposição biobibliográfica de Vitorino Nemésio, a propósito do centenário do seu nascimento, dei comigo a pensar na hipotética figura de uma personagem de um poema seu. Alguém que tivesse aposento na sua cidade da Praia, por detrás da porta - janela de uma casa avarandada da Rua de Jesus. Varanda de madeira que, na geometria do seu desenho de losangos, parece sempre estar pintada de fresco. Alguém da Praia, terra de peixe fresco e de damascos, no dizer do poeta, mais perfumados do que os da Síria. Alguém, que sendo "gente da Praia", tem consigo "um modo de pôr distância, talvez, mas também de respeitar qualquer coisa de antigo". Alguém que por detrás dos vidros de sua casa fosse capaz de nos dizer: "Quem se levanta de manhã, depois de uma noite de sono, tem a impressão de que vai começar alguma coisa. Mas se passou a noite em claro, a manhã deixa de ter qualquer sentido de novidade. Às

nove horas da manhã está como se fosse nove da noite do dia anterior; o que altera toda a perspectiva da realidade. Também isto se passa comigo. O que me leva a não acreditar no espírito ilusório do progresso, graças à minha insónia".

Não será difícil apercebermos esse alguém a abrir a portada da varanda na tentativa de procurar mais mar, para no azul perder a inutilidade do olhar e dizer a qualquer passante, ao modo de conclusão: "O segredo do homem, o segredo da vida está no dormir. É o que torna possível a vida. Se a humanidade não dormisse haveria massacres sem precedentes e a história acabaria". Este seu juízo conduz à formulação de uma nova premissa: os grandes criminosos da história não dormem, ou se dormem, dormem mal. Por mim, suponho que dormem demasiado. Só que não sonham.

Manuscritos, primeiras edições, cartas, fotografias; pequenas notas, que quase sempre nunca abandonaram essa brevidade, que para o escritor logo derivou em imediato esquecimento. Mas que não destruiu, dando-lhes por destino a página de um caderno, a margem de um livro, o fundo de uma gaveta. Muitas vezes, decorrem, de um desses apontamentos, certos traços de humor e de carácter, mais próximos da "verdade" do autor do que possa ser encontrada em toda a obra publicada em sua vida. O que é costume reunir-se neste tipo de exposições de homenagem ao redor de um nome foi o que encontrei.



Fotografia: José de Sousa Gomes

Tudo estava ali bem arrumado. Demasiado bem arrumado. E Nemésio talvez tivesse gostado, tenho de o admitir. Havia por todo o lado sinais dos seus poemas, das suas personagens, do seu saber e, sobretudo, do seu sonhar, que é a forma de nos vermos interiormente a viver, a desejar, a disputar, a viajar. Mas a obra de Nemésio não é, só por si, sonho. É, antes, como a de qualquer outro poeta, um estado de confronto entre a vigília e o sonho, entre o quotidiano a que chamamos realidade e o sonho que, a seu modo, também é real. Pertence à escrita de um poeta - e Vitorino Nemésio tão bem o soube fazer -, estabelecer uma descida perfeita de um a outro real, para, de seguida, enganar a própria verosimilhança do real. Esta mobilidade, este exercício - pois tudo na vida não passa de um exercício, que muitas vezes aparenta ser, por demais, escolar -, não se pense, em algum momento, que é fácil. Primeiro, porque sonhar, em poesia implica sonhar também o sonho da sua contemporaneidade, para que, de seguida, o poema possa falar, não do

que se deve fazer, mas do lugar exacto onde se está.

Quando eu seguia de uma a outra vitrine, entraram dois homens. Um, não disse uma única palavra. O outro, bem mais velho, terceirense, pelo entusiasmo no que ia reconhecendo nas imagens da ilha, tudo comentava num tom simultâneo de mágoa e alegria. A uma fotografia, das últimas que tirou, suponho, e em que Nemésio está de chinelos, não conseguiu evitar um altíssimo: "Olha o castiço!" Para, de seguida, acompanhar a música de fundo que se ouvia na sala. "Eu cantei isto no orfeão de Angra". E cantou. Cantou, ele sim como sonhador que pedia aos seus próprios dedos a verificação peculiar de um aqui e agora.

Já lá vão umas semanas sobre a sua voz, mas ainda não perdi a cadência; e era assim a canção se não erro: "Bravo meu bem, para ver se embravecia. Cada vez fiquei mais manso, bravo meu bem para a tua companhia".

Não sei onde se partirão os versos. De início pareceu-me ouvir "bravo meu

bravo". Pareceu-me brava a mais; só a uma ou terceira volta é que entendi o que julgo estar correcto: "bravo meu bem". Quando saí, o homem ainda cantava. Tinha uma voz sombria, mas capaz de reconfortar a interioridade do seu sonho. Por ele, senti-me bem. Nemésio acompanhou-me o resto daquele dia. Dava ao meu ouvido a bravura de uma cadência de mar e, contudo, como eram frágeis esses sons, uma porta que sem o querer batesse bastaria para os dispersar. Regressei a casa, como quase sempre faço, de eléctrico. O percurso inverso. Entrei no Chiado - o eléctrico vinha cheio -, saí na Estrela e subi a Rua de Santo António. Dentro de um dos bolsos a minha compra desse dia: três pequenas e coloridas caixas de cartão com minas para a minha lapiseira.

João Miguel Fernandes Jorge

## Perfil

# Berta Hintze: uma dama de pulso

Dir-se-ia que a vida de Berta Hintze, mulher de personalidade tenaz, em seu dizer, simples e trabalhosa, foi atravessada por múltiplas competências. No universo industrial dos Hintze foi gestora. Para a Ribeira Grande deu o seu melhor como membro do *Círculo dos Amigos*, essa boa vontade de elevar uma comunidade pela cultura, chegando, inclusive, a ser autarca. Em percurso mais íntimo tem-se revelado como uma excelente artista. Não sendo natural de Ribeira Grande, desde adolescente, após o seu casamento com Fernando Hintze, até aos dias que correm, sempre viveu na

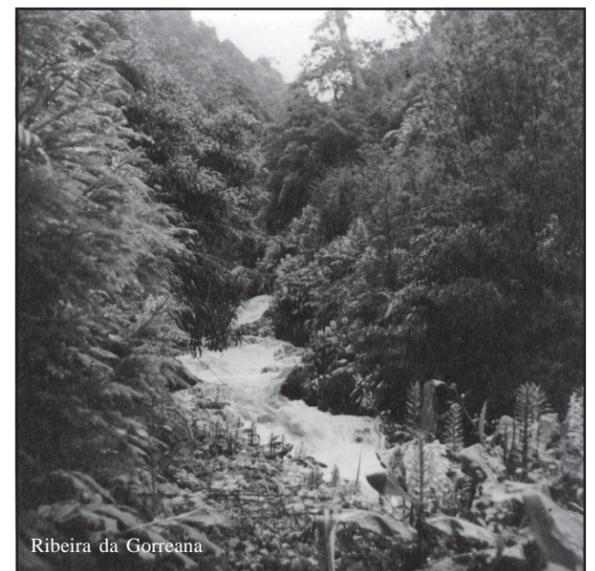
Gorreana, Maia, em especial, na sua Granja. Berta nutre um grande amor pela Ribeira Grande, terra que considera sua. O seu percurso de vida assim o diz.

### A família Hintze

Berta Maria Ferreira Meireles Hintze, filha de José de Lima Meireles e de Julieta Carreiro Ferreira Meireles, nasceu na cidade de Ponta Delgada, no ano de 1926. Foi educada por tutores particulares e no Colégio das Freiras, hoje, Hotel São Pedro, freguesia de São Pedro daquela cidade. É católica. Considera que, durante a sua infância, foi uma menina

rebelde, porém, obediente. Preferia brincar com os dois irmãos aos polícias e ladrões, aos cavalos e ao pião do que com bonecas. Essa infância activa terá ditado uma personalidade perspicaz, criativa e de pulso. No ano de 1943, na Ermida da Senhora do Resgate (Gorreana) casa com Fernando Hintze, filho único do Comendador Jayme Hintze, industrial impulsionador da *Granja da Gorreana*. À data do casamento, o seu marido já tinha assumido a liderança da gestão da Granja. Fernando Hintze morre no ano de 1961. Berta, já madura para coisas de administração, abraça a sua liderança. Entre a data da

morte de Fernando Hintze e o ano de 1986, ano em que o seu genro, Hermano de Ataíde Motta, torna-se Presidente da Câmara Municipal de Ribeira Grande, Berta Hintze geriu, com vigor e serenidade, os destinos da Granja, mormente o da sua Fábrica de Chá. A partir de meados de



Ribeira da Gorreana

*Boa Gastronomia  
com o Mar  
Como Horizonte*

Largo East Providence, 68 - Ribeira Grande - Telef. 296 473 516 - Fax 296 473 023

oitenta, Hermano de Ataíde Motta, mais a sua esposa, Margarida Hintze, filha única de Berta, têm vindo a assumir a direcção das explorações da Gorreana.

### Granja da Gorreana

No último quartel do século XIX, parece que Simplício Gago da Câmara e Ermelinda Pacheco Gago da Câmara estarão na origem da criação de uma unidade industrial de Chá na Gorreana [facto sujeito a mais indagação]. Porém, em 1913, era sua proprietária Ermelinda Pacheco. O Comendador Jayme Hintze, um modelo dentro da família, que chegou a ser Governador Civil do Distrito de Ponta Delgada, casa com Angelina Gago da Câmara, neta de Ermelinda. A *Granja da Gorreana*, sensivelmente, entre 1914 e 1940, é por ele grandemente incrementada em múltiplas valências: chá, lacticínios, fruta, milho, batata, bicho da seda. Jayme Hintze foi um visionário. A título de exemplo, aproveitando a ribeira da Gorreana, dotou a Granja com energia hídrica. Foi o *golpe de mestre* na sobrevivência da Fábrica de Chá, a única na Ilha de São Miguel que nunca interrompeu a sua laboração. Fernando Hintze herdou a capacidade de administração do pai. A engrandecer o nome da Fábrica de Chá Gorreana, recorda Berta Hintze, 'durante a II Grande Guerra, toda a gente quis mandar chá verde para Marrocos, porque era rentável. O meu marido não o fez, tendo em contrapartida mantido e enriquecido o mercado que a Fábrica já possuía. Foi uma visão estratégica muito boa. O chá tornou-se ainda mais conhecido e comercializado'.

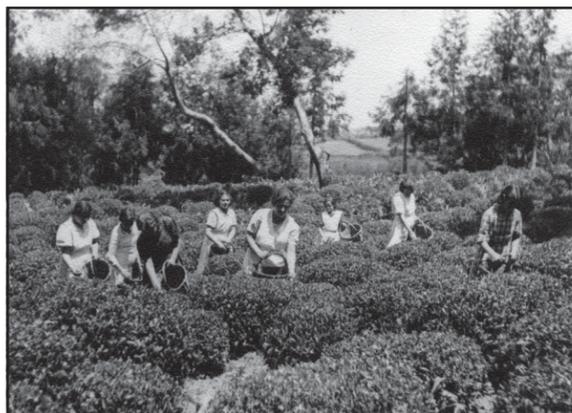
### Mulher de pulso

Durante os anos sessenta, sendo a Fábrica de Chá Gorreana a detentora do mercado, houve a tentativa de criar uma associação de industriais de chá. 'Não quis aderir', diz Berta Hintze. A família estava em primeiro lugar. Todavia, Fernando Hintze pedira-lhe que continuasse com o seu trabalho. A anteceder o 25 de Abril, o chá moçambicano inunda o mercado. 'Os *chazeiros* de São Miguel [lembra Berta] procuraram o Governador Civil para que o Governo da República tomasse alguma decisão junto das exportações do chá de Moçambique, já que os preços que praticavam atrofiavam a nossa produção. Eles disseram que sim: *que iam tomar nota*. Depois de lhes mostrar que eles faziam de nós uns filhos bastardos e

que iam *tomar nota em cima do joelho*, apelidaram-me de comunista. Nunca tivemos resposta. A situação piorou. As fábricas de chá micaelenses começaram a falir'. A *Revolução de Abril* foi um tempo de caos. 'Tivemos que fazer muita ginástica financeira para podermos sobreviver'. As dificuldades na gestão da Granja sempre foram muitas. Berta Hintze recorda-se de uma visita do filho do Professor Marcelo Caetano, Miguel Caetano, em que o mesmo lhe referiu que os 'Açores não pedem muitas coisas', enquanto 'a Madeira *bate com o pé e consegue tudo*', tendo a mesma respondido, ironicamente, que 'na Madeira eles bebem vinho, enquanto nós aqui bebemos chá, de modo que somos pessoas muito pacatas'. Novas dificuldades surgem já Hermano Ataíde Motta é administrador: os *Hiper Mercados* com a introdução de novos hábitos alimentares. Presentemente, o turismo tem vindo a equilibrar os rendimentos da *Granja da Gorreana*, a qual, em paralelo com a produção do chá, nunca deixou de explorar a sua vertente agro-pecuária, em especial, o gado bovino.

### Gorreana: postal de visita

A *Granja da Gorreana*, inevitavelmente, faz transbordar sensações em quem a visita. As mensagens exaradas no seu *Livro de Visitantes*, aberto ao tempo de Jayme Hintze (1924), são bem o seu reflexo. A imagem de um Éden está presente. A vida da *Granja* não poderá ser feita sem se auscultar a estética que esse *Livro*, silenciosamente, guarda. Muita nata social, portuguesa e estrangeira, por ela tem passado: Domingos Rebelo (seu frequentador), John Wayne, Mário Soares. A sua lista de visi-



tantes é imensa. Apontam-se mais alguns nomes: Raúl Brandão, Oliveira San-Bento, Aurélio Granada Escudero, Fernando Dacosta, Barney Frank ou até mesmo Jaime Gama. Em 1994, Dacosta deixou no *Livro de Visitantes* o seguinte: 'É indizível a sensação de ser recebido nesta casa, nesta família, neste universo de quase magia. Profunda-

mente grato pelo serão e pelo convívio que me foram dados'. Raúl Brandão já tinha escrito: 'Sente-se na Gorreana o culto da família e o culto da terra [...]'. Mais à frente diz: 'ninguém entra nesta casa sem encanto nem a deixa sem saudade' (1924). A paisagem natural, de facto, é absorvente. A família Hintze também sabe bem receber. Dois tónicos que, combinados, fazem o visitante entrar numa atmosfera de encantamento. Porém, Berta Hintze reconhece que, 'hoje, a paisagem é totalmente diferente daquela de há muitos anos atrás'. Realça que 'havia muita mais vida na apanha do chá. 100, 60 mulheres que vinham das freguesias da Maia, São Brás, Porto Formoso, da Lomba da Maia e dos Fenaís. Enquanto apanhavam o chá, cantavam a *Caninha verde* e outras cantigas populares. A sua maneira de vestir dava colorido à paisagem'. Apesar da perda dessa componente humana (actualmente, três homens são o suficiente para apanhar chá), a paisagem natural da Granja continua a encantar.

### Círculo dos Amigos

Membro do *Círculo dos Amigos*, esse ideário cultural para a Ribeira Grande, entre sessenta e setenta, Berta Hintze recorda com vivo entusiasmo os projectos enriquecedores que fizeram. O cortejo de 'O Homem e o Transporte', 'muito comentado', nas Verbenas de São Pedro, para o ano de 1968, é um exemplo inesquecível. Por outro lado, organizaram diversas exposições: traje, leques, imagens do Menino Jesus, Presépios ('lembro-me de um feito em trapos, da freguesia do Pico da Pedra'), arte sacra, móveis, flores, fotografia (até mesmo um

chegou a construir um pagode chinês, que foi montado no Jardim do Paraíso, onde meninas vestidas à chinês serviam chá. Até fez *lequezinhas* e pintou os menus. Um encanto soberbo, relembra. Outra vez, ajudou a organizar uma *barraquinha de comes e bebes*, a favor dos Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande. Aí baptizou o famoso petisco conhecido por *chouriço à bombeiro*. Durante vários anos, as Verbenas foram realizadas num quintal, junto do alçado



norte do Teatro Ribeira-grandense, hoje, Centro Cultural, onde existiam uns arcos. Esses tempos de rica convivialidade, faz Berta evocar, com gostosa nostalgia, alguns membros do *Círculo dos Amigos*: Meninas Ferreirinhas, professora Maria Elvira, Maria Mota, Eduarda Mota, Luís Mota, José da Silva Ferreira Cabido, José da Costa, engenheiros Fernando Monteiro e Armando Moreira da Silva, padre Edmundo Pacheco, o então padre da Ribeirinha, Artur Agostinho, muito *avant-garde*, professor Manuel Francisco ('muito colaborador'). O *Círculo*, cuja sede era na actual casa do Senhor Dinarte Miranda, Rua Nossa Senhora da Conceição, cidade de Ribeira Grande, também funcionava como tertúlia; ou seja, como um 'ponto de encontro, onde se discutiam muitas coisas'. A coroar a sua dinâmica, principalmente da parte do engenheiro Fernando Monteiro, o *Círculo* tinha a 'preocupação de projectar' a Vila da Ribeira Grande no sentido de se tornar cidade. A resposta aconteceu em 1981.

### Autarca na Câmara de Ribeira Grande

Berta Hintze foi convidada pelo engenheiro Fernando Monteiro para integrar um elenco camarário ribeirão-grandense, vindo a ser Vereadora entre 1971 e 1974. Era ainda autarca ao tempo da *Revolução de Abril*. Da Câmara de então faziam parte: Presidente: Fernando António Monteiro da Câmara Pereira; Vice-Presidente: Manuel Martins de Medeiros; Vereadores: José

da Silva Ferreira Cabido, Plínio Maria de Medeiros Ponte; e Manuel Joaquim da Silva Costa Leite. Tempos antes, assumindo-se como não partidária, renuncia à militância junto do partido político com maior expressão no País. Ao que parece, terá sido a primeira mulher portuguesa a ser autarca. 'Quem me falou nessa questão foi o meu primo Amorim Ferreira, que era professor no Continente, que me disse que tinha sido a primeira mulher portuguesa a ter aceitado o cargo de

Grande como uma cidade. Ela é ainda uma 'Vila maravilhosa, rica em arquitectura', pena que o seu cuidado não tem sido o melhor. 'A Ribeira Grande não está assim tão desenvolvida que justifique a categoria de cidade, contudo, caminha para isso', observa com optimismo a nossa dama.

### Paixão pelo artesanato

Grande admiradora da cultura europeia, a América não a fascina, mormente a sua pintura, escultura e arquitectura (já viajou pela Espanha, Itália, França, Alemanha), Berta Hintze também revela-se como uma criadora exímia. O seu equilíbrio emocional passa pela criação artística. 'Criar é uma maneira de libertar energia', diz. Faz trabalhos em *patchwork*. Produz muito. Os admiradores da sua arte procuram-na para adquirir peças. Foi das primeiras na Ilha de São Miguel, a realizar este tipo de criação artística. Lembra que tudo começou (década de sessenta) depois de ter observado, em sua casa na Gorreana, uma toalha pertença de Ermelinda Pacheco Gago da Câmara. Com a elaboração prévia de desenhos deu início à produção de quadros, ricos em tecidos de qualidade (veludos, sedas, brocados) e com cores muito vivas, os quais a levariam, na Ribeira Grande, a exposições várias. Chegou a expor no Salão do Banco Comercial dos Açores, Rua El-Rei D. Carlos I, Matriz. No domínio da sua arte é uma autodidacta, situação outra a dar conta da sua grande tenacidade. Porém, hoje, se tivesse 20 anos, com toda a certeza, procuraria uma escola de artes para se aperfeiçoar em pintura. A *Espírito Santo* podia ser uma delas. Retirada das lidas directivas da *Granja da Gorreana*, Berta Hintze, a fazer perdurar a sua veia criadora, como que numa segunda infância, aparentemente irrequieta, tem vindo a deleitar-se e a deleitar com a sua majestosa arte.

Agradecimentos à família Hintze pela simpatia e pelas informações concedidas.

**Hermano Teodoro**

Aos Novos II

## A voz dos sinos



Foi a notícia vinda a público no prestigiado *Diário de Notícias*, da capital em 12 de Novembro p.p., a que se juntou uma conhecida figura de pensamento - a interrogação -, no sentido de inculcar mais ao vivo a ideia: "Acha que os sinos devem *parar* durante a noite?", que me sugeriu endereçar mais algumas considerações aos novos. Falar dos sinos e eles têm tanto para nos dizer e até apresentam a sua história! Foram outrora, precedendo os meios mais sofisticados da comunicação social, poderosos canais de transmitir mensagens, saudações, preces, acções de graças e outrossim prevenindo os homens dos perigos, localizando incêndios. O seu uso no exercício da religião é muito antigo, aparecendo mesmo antes do cristianismo, se abrimos o *Êxodo*, tendo em conta as determinações de Moisés em relação ao vestíário do Sumo Sacerdote, na Lei Antiga.

O Cristianismo adoptou o seu uso dentro das igrejas mantendo-se durante o tempo das dez perseguições romanas que terminaram com o édito de Constantino em 313 da era cristã. Nem no tempo de luta pela sobrevivência, os sinos fizeram ouvir a sua voz, pois os cristãos eram convocados para os Santos Ofícios por homens de probidade, chamados Cursores ou Mensageiros de Deus, como lhes chamam Santo Inácio de Antioquia. Mesmo após a paz de Constantino, eram os fiéis chamados à oração, tocando-se pratos de metal ou uma trombeta, de que ficou uma lembrança com as trombetas de prata que tocavam na coroação dos papas ou então por um instrumento de madeira, sacudido com a mão, de nome matraca e usado nos três dias da Semana Santa, nas cerimónias e procissões de penitência, até ao toque de Aleluia.

Os sinos grandes que actualmente tocam nas torres, junto às igrejas, são vulgarmente atribuídos a São Paulino, bispo de Nola, na Campânia e são assim de origem italiana, desde a

província rica em Lerouze, donde provém o seu nome na língua latina de campania e na nossa língua portuguesa de campainha. Os sinos tinham o seu baptismo, como rezava o povo, lavados com água benta, a sua bênção obedecia a um rito especial, eram ungidos com Santos óleos e por baixo deles, ardia o incenso no turíbulo. Era um ritual especial, cheio de simbolismo e que nos nossos dias foi radicalmente simplificado. O tempo hoje não se lastima, quando se gasta em passatempos frívolos, de oca cavaqueira.

O culto que os fiéis levam à igreja, tem por finalidade, não só manter o sacerdote no templo, mas tudo quanto diz respeito ao edifício igreja, abrir e fechar o templo, dar o toque das Trindades, introduzido no século XIII. Não há muito tempo, entre as nossas populações, as Trindades regulavam o começar e terminar o trabalho.

O desinteresse das nossas populações cristãs e por vezes também a transparência deficitária dos responsáveis pela manutenção das igrejas, concorreram em parte, para a supressão do toque dos sinos. A Igreja Matriz desta nossa cidade, além do sacristão tinha um sineiro para se encarregar das mensagens que os sinos transmitem à freguesia. O repique e o dobrar do sino grande, eram obrigatórios, quando a Igreja comemorava os Apóstolos e Festas da Virgem e o povo sabia, compreendia e transmitia de uns para outros. Havia até um toque melancólico no sino da torre da Matriz que dá para a rua do Sabão, anunciando a saída do sacerdote com os últimos sacramentos a um moribundo e por este irmão, o povo rezava em casa.

As duas freguesias da antiga vila, tinham uma sineta que por vezes, com toque convencional, chamava o sacristão ou o sineiro. Tudo isto está reduzido e até suprimido e a custo as paróquias vão mantendo um funcionário, por vezes, com a ajuda das autarquias.

Tudo o que aqui descrevi, veio a propósito da referida notícia que iniciou este trabalho, acerca da nova lei do ambiente que silencia o toque dos sinos das igrejas, das 22 horas às 7h. da manhã. Rompeu-se com uma tradição secular e até se acabou com um serviço público, pois as pessoas

nem sempre tinham relógio que as orientasse. É certo que hoje já se não fazia sentir esta necessidade. A igreja acatou a nova lei do ambiente, salvaguardando o facto de, em ocasiões especiais, como acontece na Páscoa ou no Natal. No entanto, em regiões interiores e até em Aveiro, as populações questionaram a nova lei, pois foram elas a comprar os sinos para a marcação das horas nas torres das igrejas e assim raciocinam: é preciso calar os ruídos, inclusivé de veículos - motorizados e de casas comerciais, bem mais incómodos que o toque dos sinos!

Vou agora introduzir duas lições de História, sempre a pensar nos novos.

Corria em Portugal o ano de 1855, D. Pedro V era aclamado Rei, sucedera a sua Augusta Mãe que fora a sua grande educadora. Há quem o compare a D. Sebastião, na continência e compostura de aspecto, no seu modo de viver recluso e ainda a D. Duarte cujo reinado encontrara o país a braços com uma terrível epidemia. D. Pedro V vê a cólera invadir o Algarve e mais dois anos se seguiram com os horrores deste flagelo mas, não retira, assiste aos infelizes, visita os hospitais, até ser atingido pelo flagelo que não perdoa nem escolhe as suas vítimas.

Na noite de 9 de Novembro de 1861 e já tarde, se ouviram os sinos de Lisboa tocar a preces, eram 11 horas desse dia, aumentando o pavor por a noite ir adiantada. Apesar da hora, os templos encheram-se de gente, a igreja da Encarnação e a basílica dos Mártires, recolheram as pessoas que vinham do ginásio e São Carlos. O palácio das Necessidades, onde residia a família real, era a casa de toda a gente e o Rei, tão amado do povo português, falecia a 11 de Novembro pelas 19h e ¼ do ano a correr de 1861 e com seis de reinado.

Vejam os novos e nós todos, à distância de quase século e meio, como mudaram os tempos por mudarem os homens, provocando uma profunda viragem, no nosso comportamento de nação civilizada e cristã. É um figurino de 1861 que vem, como as cartas à mesa, para uma séria reflexão.

Outro caso análogo, se verificou em França, nos últimos dias de Luís XV, o Rei bem Amado.

Nunca deixara de cumprir



os seus deveres religiosos. Profundamente convencido da grandeza e do acerto da Fé dos seus antepassados, entre os quais se destaca S. Luís IX, o último rei - cruzado, para ele chegara a hora suprema, no dizer de um autor seu contemporâneo e em que um rei de França só pertence a Deus e ao seu povo. E os sinos das igrejas de Paris tocaram, para que aquele mesmo povo rezasse pelo Rei, em longa mas lúcida agonia. Os sinos, nos dois episódios históricos narrados cumpriram, à sua maneira, com a sua voz bronzada, a sua alta missão!

A fechar este despretenhoso trabalho e para que os referidos acontecimentos históricos não tombem no esquecimento, ofereço aos novos, a composição que vem a propósito, escrita pelo poeta de raça, António Correia de Oliveira.

*Sino, coração da aldeia  
Quantas vezes há no sino,  
Quantas vezes desiguais,  
Desde que toca a baptismo  
Até que dobra a sinais!*

*Coração, és como o sino  
Na Igreja do Sentimento:  
Ora bates de tristeza,  
Ora de contentamento !*

*Se queres saber do meu peito,  
Seu coração ouve um dia:  
Que pelo tocar do sino  
Conhece-se a freguesia...  
Sino, coração da aldeia:  
Coração, sino da gente:  
Um, a sentir quanto bate;  
Outro, a bater quando sente.*

**Padre António Rocha**

visite-nos

**Chá**  
**Porto Formoso**

*Jardins Panorâmicos  
Fábrica de Chá  
Espaço Museológico  
Sala de Chá e Loja*

# Nortadas

nortadas@mail.pt

**Maria Corisca, que alegria por te saber na mesma!**

Apesar de não nos ter retribuído a cortesia das últimas Nortadas, nem nos ter visitado, como obriga a boa hospitalidade nortenha. Ao que consta, estará arrependida por ter, fruto de um capricho momentâneo, mal abriram os Solmar e Modelo em Ponta Delgada, trocado as perenes e genuínas delícias do mundo rural pelo fugaz e postiço fulgor de um mundo urbano. Ao que consta, estará bem viva e, como sempre, com o 'sangue a ferver-lhe nas guelras'. Senhora de um proverbial apetite, pela altura das Estrelas e do Entrudo veio matar saudades do chouriço e dos torresmos à farta e generosa mesa dos compadres e comadres do Norte rural. Está a mesma 'chapada', goza de uma invejável saúde, incluímo-nos no lote dos que lhe auguram uma longa vida. Todavia, continua a padecer de uma insidiosa, renitente e vulgar variante de daltonismo: vê em tons rosa leve os seus compadres e comadres laranja e a negro carregado os rosa. Vem cá mais vezes, temos saudades tuas. Para a semana há canários e boa pinga no 'Bailão'!

**Ilha de Ponta Delgada**

Sim Senhor, ficámos a saber pelo *Correio dos Açores*, (Bancada Central, 15.02.02) que é disparate pegado referir-se à Ilha que Gonçalo Velho Cabral redescobriu como Ilha de São Miguel. O correcto será: Ilha de Ponta Delgada e o seu verdejante quintal, que no seu conjunto, se deve designar de São Miguel.

**Quase parabéns a Santa Engrácia, perdão, Santa Bárbara**

Tem sido fulgurante a integração de Santa Bárbara na Cidade de Ribeira Grande. Após os votos favoráveis da Assembleia de Freguesia, da Junta de Freguesia, da Vereação e da Assembleia Municipal, desceu agora a uma Comissão da especialidade da Assembleia Legislativa Regional. E de lá para o Conselho de Ilha. E de lá para onde irá? Talvez lá para 2010 e qualquer coisa, como mandam as boas regras de Santa Engrácia, mataremos o 'borrego'.

**Cerveja ao metro?**

Não à 'caneca', não ao 'copo' mas ao 'metro', não é gralha, repetimos 'ao metro', só no **Beerhouse!**

**Ribeirinha (a)sintética!**

Ficámos a saber, como se previa, no período pós-eleitoral que o 'sintético' prometido em campanha ficava adiado 'para mais tarde'. Talvez para quando acabarem os apoios comunitários?

**Biblioteca da Horta**

Até que enfim! Quando se ouve ou lê que Angra e Ponta Delgada já têm ou estão a construir qualquer coisa por iniciativa do erário público, seja uma avenida, uma Casa de Cultura, um Hotel, uma Marina, urinól, ou bidé, etc., ficamos à espera do anúncio do mesmo para a Horta.

**Daniel desvirgulizado!**

Em *Pontos, vírgulas e outras vulgaridades: errar e aprender*, (Terra Nostra, 21.02.02),

Daniel de Sá prestou-se generosamente a explicar-nos as virtualidades da 'virgulação'. Em vão. O próprio jornal que o editou desvirgulizou-o com 'virgulações' loucas. Daniel não vale a pena 'querer endireitar a sombra da vara torta!'

**Saiba que...**

... a freguesia da Ribeirinha fica 'encostada' a 2 quilómetros da Cidade de Ribeira Grande (*Terra Nostra*, 15.02.02).

**Não saiba que...**

...a freguesia da Ribeirinha, desde 1981, mais as freguesias da Ribeira Seca, Matriz e Conceição, não faz parte da Cidade de Ribeira Grande. É oficial, vem naquele jornal.

**Inferno!**

Pelo facto de o nosso jornal ter titulado um artigo que desagradou a alguns dos nossos amigos membros da falange 'Diabos Vermelhos', estes em conclave, presidido por um Grão-Mestre, decretaram por unanimidade aplicar como pena, não passível de ser atenuada nos próximos tempos, ao nosso Director a leitura assídua do jornal do seu 'Glorioso'. Digase que ele já a começou a cumprir, e segundo consta com agrado, pois o jornal tem qualidade. Não lhe vão os seus amigos 'dragões' e 'leões' aplicar-lhe outra pena semelhante!

**Artur Santos**

O nosso craque, agora que temos a obrigação de ler o jornal do 'Glorioso', aparece fotografado numa jogada muito ao seu estilo.

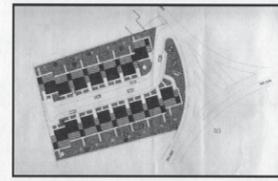
# Destques

**Jomalima, Lda: Loteamentos do Areal e Canada do Rato**

A empresa Jomalima, Lda, com sede social na Cidade de Ribeira Grande, arrancou no pretérito mês de Janeiro com o Loteamento do Areal, a dois passos do Areal de Santa Bárbara, uma das nossas melhores praias de veraneio e *surf*, acessível a todos os locais de interesse da Cidade e da Ilha, Trata-se de um complexo habitacional de 15 vivendas. Segundo o responsável por aquela empresa, a obra deverá estar concluída em finais do corrente ano.

Mais adiantou que terá início no segundo semestre deste ano, o Loteamento da Canada do Rato, situado mesmo no coração da nossa Cidade, que constará de 16 lotes para vivenda e 18 apartamentos. Neste complexo haverá, além de campo de ténis e de ginásio, infraestruturas que muito contribuirão, estamos certos, para a melhoria da qualidade de vida dos seus futuros residentes, e espaços comerciais. O que muito valorizará aquela zona nobre da nossa Cidade. Parabéns e muita sorte aos seus promotores.

**LOTEAMENTO DO AREAL**



**15 Moradias Chave na Mão**

- Excelentes acabamentos  
- Gás canalizado  
- Financiamento garantido

Uma oportunidade a não perder

Promotor: JOMALIMA - Turismo & Gestão Imobiliária, Lda.  
Tels: 296 470 460 - 966 821 867



**Igreja de São Francisco: 2.ª fase**

A Santa Casa de Misericórdia de Ribeira Grande, que, a 28 de Fevereiro, celebrou 410 anos de existência, recebeu uma das melhores prendas de Aniversário que poderia desejar: o início da 2.ª Fase de remodelação da igreja de São Francisco. Segundo informação obtida junto da Mesa daquela instituição de solidariedade social, teve início em Fevereiro último, as obras de conservação e de restauro do frontispício daquela vetusta igreja, antiga igreja conventual de frades franciscanos, cuja fundação remonta ao século XVII, bem como da substituição do gradeamento de ferro do galilé, da manufactura e pintura das portas principais, da estrutura do soalho e de substituição da antiquada e inoperacional rede eléctrica. Para uma terceira e última fase, ainda não agendada, fazemos votos que em breve, serão os soalhos e o restauro da interessante talha setecentista dos seus altares. A igreja, mal reabra, espera-se para breve, além de espaço dedicado ao culto religioso, segundo as mesmas fontes, funcionará como espaço aberto a realizações culturais da mais variada índole, a exemplo do que sucede em templos destas ilhas e país. Parabéns a toda a Mesa pela sua tenacidade e por mais um aniversário. Bem hajam por todo o serviço que prestam à comunidade.

**Modalfa: Modelo**

A 22 de Fevereiro do corrente ano, numa sexta-feira, abriu a Modalfa, uma loja de vestuário e de calçado para ambos os sexos e todas as idades da cadeia Modelo. Fica situada ao fim da rua de São Francisco, ao lado da famosa Padaria Favinha, na Cidade de Ribeira Grande, e partilha com o Hiper Modelo o parque de estacionamento e o horário de abertura ao público. Está localizada num novo pólo a desenvolver-se, há poucos anos a esta parte, com enorme pujança. No dizer do célebre arquitecto norte-americano Frank Loyd Wright o policentrismo das Cidades é vital para a humanização dos seus espaços urbanos. Foi construída numa discreta linha neo-chã, a condizer com a traça da igreja de São Francisco do outro lado da rua. O espaço interior é acolhedor e agradável, seguindo as linhas de 'design' de outros estabelecimentos da Cidade recentemente remodelados.

**Três quadras à solta**

Em Vila-Cidade ficou  
Mesmo à frente do nariz.  
R. Grande no tempo parou  
Como o relógio da Matriz

A minha querida Cidade  
é uma autêntica tristeza.  
Quanto mais festividade  
maior será a sua pobreza.

Trabalho de segunda á sexta,  
e ao fim de semana porventura.  
Para descarregar cada besta  
para a Casa da Cultura.

Gilberto Pinheiro



## Crónica Mal-Humorada

### O Amado Patriarca



Há esse costume de paganizar o vinho com a invocação de Baco, ou então de dar má fama a S. Martinho de Tours, padroeiro de verões outonais e de comezainas encharcadas, e que talvez não tenha nunca bebido coisa que bastasse para perder o tino. Mas o verdadeiro patrono da boa pinga, porque a fez de pura uva e não consta que inventasse, além do vinho verdadeiro, nenhuma das formas de aldrabá-lo, é o patriarca Noé. E, logo na primeira bebedeira com testemunhas

oculares, os efeitos foram lastimáveis. Mas, como ainda hoje se diz, ao menino e ao borracho põe Deus a mão por baixo. De tal maneira que o Criador o salvou de morrer afogado com o resto da humanidade e do modo que todos bem conhecemos. Se assim não tivesse sido, não era só o vinho que não existia, mas nem sequer nós estaríamos aqui para lhe gozar as consequências, pois, como diz o ditado latino, o vinho alegra o coração do homem.

Uma conhecida figura lisboeta do século XIX - cujo nome não recordo, o que para o caso tanto faz - costumava cumprir religiosamente o preceito de se embebedar regularmente, e nunca veio mal ao mundo, nem a ele, por causa disso.

Mas, num dia em que seria tão impossível encontrar-lhe vinho no estômago como numa vinha em Março, ao cruzar-se com uma senhora das suas relações de amizade saudou-a, beijando-a na mão como convinha à boa etiqueta, gesto acompanhado com um ligeiro passo à retaguarda. Os buracos da capital já então eram famosos, armadilhando-a toda inteira, e podiam apanhar desprevenido o mais atento. Mesmo atrás da cena da saudação havia um, de maneira que, ao dar aquele elegante passo de minuete, o polido cavalheiro caiu e partiu uma perna. O seu lamento foi por estar sóbrio nesse dia, porque nunca machucara joelhos ou costelas em noites de farra, enquanto que, no perfeito uso dos seus cinco sentidos e à luz claríssima do Sol, lhe acontecera tamanho desastre. Pelo que se convenceu definitivamente da verdade absoluta do tal ditado que diz a quem põe Deus a mão por baixo em momentos de tempestades etílicas.

Um dos mais divertidos amantes da pinga que conheci foi mestre José Pacheco, ferreiro de profissão nas horas vagas. Tendo aparecido aqui na Maia um homem das Furnas que viera vender chapéus, e que também preferia o convívio bem regado das tabernas ao trabalho árduo ou ligeiro, propôs a mestre José Pacheco que tentasse ir vender-lhe a dúzia de chapéus restantes, ficando metade do valor da venda para cada um. O mestre aceitou o negócio e não demorou muito a voltar com a missão cumprida. Mas não totalmente. Sobravam seis chapéus, que devolveu ao seu legítimo dono, explicando: "Eu já vendi os meus. Os teus, ninguém quis comprar."

Daniel de Sá

## Economia

joaot@notes.uac.pt

### Melhores salários, maior produtividade



Desde a chegada física do euro que se debate em Portugal a questão da aproximação dos salários portugueses aos salários dos nossos parceiros europeus. Naturalmente que a generalidade dos trabalhadores portugueses gostaria de

assistir gradualmente a essa aproximação, até porque existem muitos produtos e serviços em Portugal mais caros que nos restantes países da União Europeia. Essa aproximação deverá fazer-se através de um processo de convergência real da nossa economia, isto é, Portugal, e os Açores em particular, deverão ter taxas de crescimento do seu Produto Interno Bruto acima da média europeia.

Neste processo de convergência assume especial importância a dicotomia "aumento salarial" versus "produtividade". No que se refere ao aumento salarial, embora as empresas privadas possuam liberdade na sua definição, seguem, na maioria dos casos, a taxa de crescimento definida para a administração pública. Esta, por sua vez, resulta de um processo de concertação social que junta à mesma mesa vários parceiros sociais com destaque para o Estado, os representantes patronais e os sindicatos. Espera-se dos sindicatos uma posição reivindicativa forte, propondo uma taxa de crescimento nominal dos salários que, no mínimo, garanta o seu crescimento real, isto é, esteja situada acima da taxa de inflação prevista. Do lado dos patrões, normalmente, o discurso é no sentido da moderação salarial. Começa, então, o "jogo da cenoura". Esta expressão, utilizada pelos economistas, pretende designar as várias concessões que o Estado "se vê obrigado" a fazer a patrões e sindicatos, como se tivesse que entregar várias cenouras a cada um deles.

A questão que se coloca então é: qual deve ser a taxa de crescimento salarial mais razoável a definir pelas várias partes? É evidente que não existe uma resposta final. No entanto, esta taxa dependerá essencialmente das

expectativas futuras da taxa de inflação e da produtividade. Em relação à taxa de inflação, é evidente que qualquer taxa de crescimento nominal dos salários inferior à taxa de inflação esperada equivale a um decréscimo real dos salários, prejudicando os trabalhadores. Significa que o aumento dos preços no ano seguinte vai provocar uma erosão do aumento salarial. Por sua vez, qualquer taxa de crescimento nominal dos salários superior à taxa de produtividade prejudicará de forma mais imediata as empresas e, a médio prazo, todos os agentes económicos, inclusive os trabalhadores. É nesta permissa que reside essencialmente o princípio da convergência salarial: um país, uma região ou um concelho cujas empresas (públicas ou privadas) pratiquem aumentos salariais superiores aos aumentos de produtividade está a perder competitividade económica. Estas empresas suportarão, em termos relativos, custos com pessoal superiores aos seus concorrentes externos, perdendo capacidade menos competitivas, terão maiores dificuldades financeiras, e menor capacidade competitiva a vários níveis, nomeadamente ao nível dos preços. Sendo de remunerar adequadamente os seus funcionários. No limite, entrarão em processo de falência gerando desemprego. Entra-se num ciclo que não é desejável aos trabalhadores e aos empresários.

Portanto, não é a introdução física do euro que nos proporcionará salários médios (nem mínimos) idênticos a um espanhol ou francês. A convergência salarial faz-se por via do aumento da produtividade. Há que produzir mais e melhor! Sem aumentos de produtividade superiores aos nossos parceiros europeus dificilmente podemos aspirar aos seus salários. O crescimento da produtividade passa por um conjunto de reformas estruturais que o país necessita de desencadear, destacando-se a reforma fiscal, a reforma da administração pública, a aposta séria na educação e na formação profissional. Julgo ser importante a discussão destas reformas e, acima de tudo, perceber de que forma elas afectarão directamente cada cidadão em particular. É um debate que remeto para um posterior artigo no *A Estrela Oriental*.

João Teixeira

### Contraste +

o fotógrafo



Desporto

### Contraste -

o fotógrafo



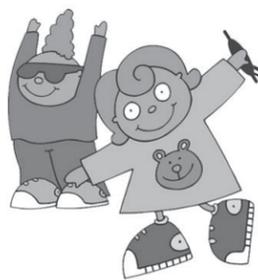
Droga



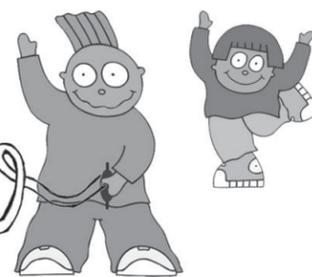
**Modelo**

**Custa Pouco  
 Viver Melhor**

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória - Ribeira Grande



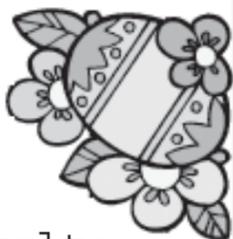
# Fuseirinho



Coordenação: Filomena Moura, Gisela Correia e Carina Sousa

## Editorial

Olá amiguinhos!



Cá estamos de volta para te falarmos da Páscoa. Segundo a fé cristã, a Páscoa celebra a Ressureição de Jesus Cristo. É o mais sagrado de todos os dias santos. Aproveita estes dias para

saboreares

amêndoas, folares e ovos de chocolate.

Não exageres!



## A Páscoa

A Páscoa toda se enfeita  
De amêndoas e pão-de-ló  
E de beijos e mais beijos  
Na casa da minha avó.

Toda a família se junta  
De roupas novas, bonitas,  
À espera do compasso  
Lá na casa de visitas

A avó põe numa mesa  
Um tabuleiro enfeitado  
Com os doces mais bonitos  
E um bom vinho adamado

Por fim chega o compasso  
Vem com pressa e ufanos  
Não comem nada nem bebem  
É assim todos os anos.

Conceição Marques

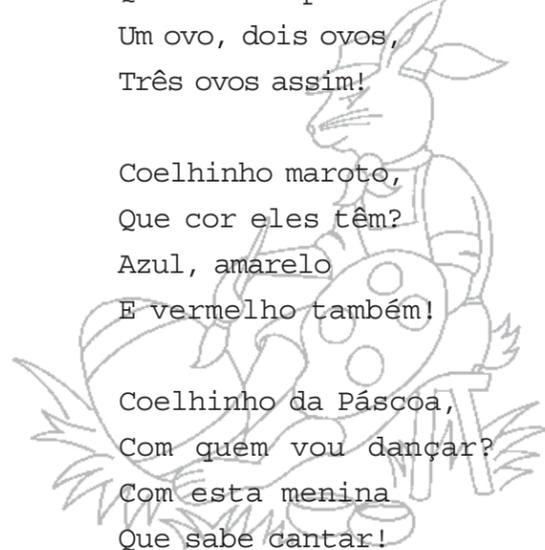
## Coelhinho da Páscoa

Coelhinho da Páscoa  
Que trazes para mim?  
Um ovo, dois ovos,  
Três ovos assim!

Coelhinho maroto,  
Que cor eles têm?  
Azul, amarelo  
E vermelho também!

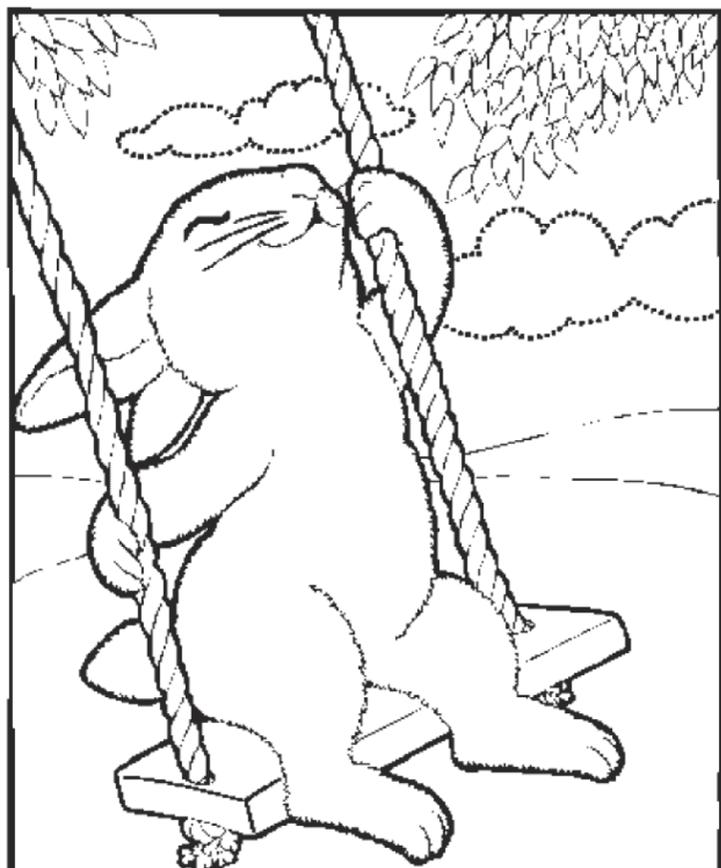
Coelhinho da Páscoa,  
Com quem vou dançar?  
Com esta menina  
Que sabe cantar!

Diana - 9 anos  
Covilhã

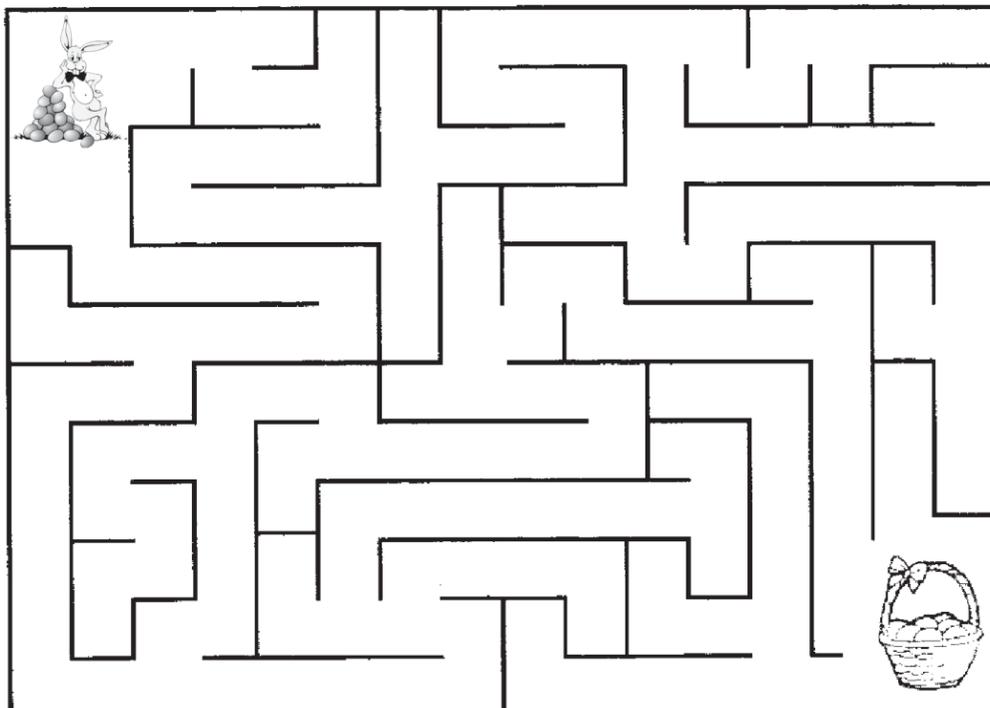


# P a s s a t e m p o s

Diverte-te a colorir este simpático coelhinho!



Ajuda o coelhinho da Páscoa a encontrar o seu cesto!



## Desporto

*KardioKick, a revolução do fitness*

### Ribeira Grande mais rica, com atletas de qualidade



No passado dia 24 de Fevereiro, realizou-se a Segunda Convenção Nacional de KardioKick, no Pavilhão Vitorino Nemésio, Praia da Vitória, Ilha Terceira.

Para tal evento, foi convidado a participar na qualidade de instrutor da

modalidade o Prof. Carlos Sousa, ribeirão-grandense de raiz. Carlos Sousa aceitou o convite da parte da organização, bem como da parte do fundador do KardioKick, Prof. Fernando Vicente.

Carlos Sousa regressou a São Miguel satisfeito com os resultados que teve a oportunidade de observar nos atletas terceirenses, que são o fruto do bom trabalho desenvolvido pelas duas colegas de curso, Instrutoras de KardioKick, na Ilha Terceira, nomeadamente, a Prof. Carla Leite e a Prof. Valerie

Coutinho. Para além da participação do Prof. Carlos Sousa, Prof. Carla Leite e Prof. Valerie Coutinho, também participaram a Prof. Gisela Fonseca, Prof. Celso Tavares e o fundador do KardioKick. Refira-se que o Prof. Carlos Sousa terminou o Curso de Instrutor de KardioKick, em Setembro de 2001, com um bom aproveitamento, ficando então com carta e diploma de instrutor da modalidade. Para terminar a época em grande, Carlos Sousa tem em agenda a sua participação, em Maio, numa acção de formação orga-



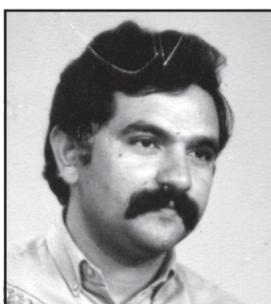
nizada pela REEBOK MARTIAL ARTS, em Lisboa, e, em Junho, mais uma acção de formação/reciclagem de KARDIOKICK, acções de formação essas únicas e exclusivamente para instrutores.

Pratiquem KardioKick, o futuro do fitness!

*Carlos Alberto*



## O árbitro: alvo a abater



Foi, é, e será sempre assim. Num jogo de futebol, onde estão duas equipas, com 11 elementos cada (incluindo o guarda – redes e o capitão da equipa), ambos jogam para ganhar, nas muitas vezes quem perde não aceita a derrota, da forma mais ordeira e pacífica.

Quando digo, duas equipas com 11 elementos cada, são 11 jogadores o número máximo de efectivos que uma equipa de futebol pode usufruir no decurso de uma partida de futebol, porque o número máximo como devem saber (ou talvez não), são 7 jogadores. Uma equipa se ficar reduzida a 6 elementos definitivamente, o árbitro dará o jogo por terminado, por número insuficiente de jogadores de uma das equipas.

O futebol é bonito quando bem jogado, é digno de ser visto, quando os “casos” não existem, sinal de que o árbitro passou desper-

cebido e que não teve influência nenhuma no jogo. Mas são raros os jogos, em que o único culpado da derrota não é o árbitro do jogo, porque assinalou um penalty inexistente e que deu a vitória à equipa que não merecia ganhar, ou porque não marcou uma penalidade “escancarada” e tão flagrante e que influenciou negativamente o resultado final do jogo. Isto claro está, são os

“casos” mais falados e discutidos recentemente nos campos e Estádios do nosso País, porque para além desses “casos” outros eventualmente, vêm à baila como por exemplo um golo mal anulado, por o auxiliar do árbitro levantar a bandeira e assinalar mal um forra de jogo que de facto não existe ou então, e em contrapartida, deixou passar um “off-side” escandaloso que até deu golo. Efectivamente esses “casos” são mais notórios nos tempos de hoje, devido

também à tal caixinha mágica, que nos mostra ao pormenor todos os lances duvidosos.

Dizer que o árbitro, por vezes erra, mentiria se dissesse que não. Mas uma coisa é certa. Não acredito que o árbitro erre de propósito ou com a finalidade de prejudicar quem quer que seja.

O alvo a abater é e será sempre o árbitro, isso não tenhamos dúvida, mas é preciso ter em conta, que

variadíssimas vezes, o treinador também falha, o jogador falha, o Presidente igualmente falha e o público, por seu turno, falha também ao jogo farto de ver e presenciar um futebol, que nos tempos de hoje vai de mal a pior.

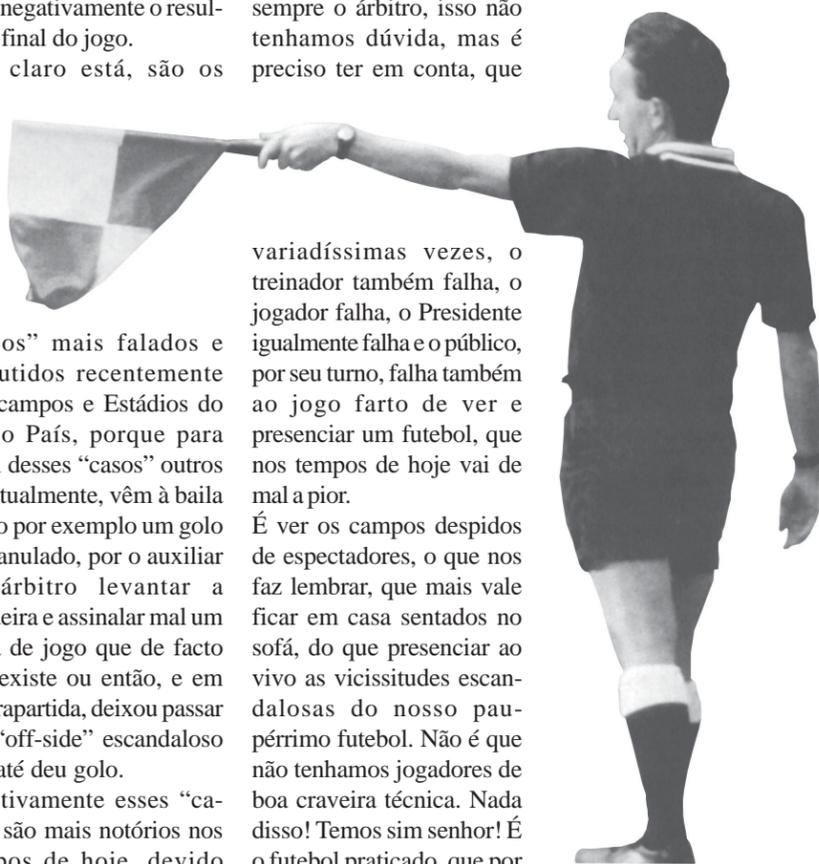
É ver os campos despidos de espectadores, o que nos faz lembrar, que mais vale ficar em casa sentados no sofá, do que presenciar ao vivo as vicissitudes escandalosas do nosso paupérrimo futebol. Não é que não tenhamos jogadores de boa craveira técnica. Nada disso! Temos sim senhor! É o futebol praticado, que por

vezes deita tudo a perder e as artimanhas dos jogadores useiros e vezeiros no tal jogo do “deixa-te cair”, que muitas vezes, os árbitros não vão na “cantiga”.

Certo? Quem é o alvo a abater?...

Pois claro!!! É ele mesmo!

José Luís Tavares



*Até dá gosto...*

### Mexidos de ovos com amêndoas

#### Ingredientes

350 g de açúcar  
1 pau de canela  
1 casca de limão  
120 g de amêndoa moída  
100 g de sultanas  
100 g de pinhões  
1 colher de sopa de manteiga  
1 cálice de vinho do Porto  
100 g de pão de cacete  
10 gemas  
Canela em pó

#### Preparação

Num tacho, leve o açúcar ao lume com 2 dl de água. Deixe ferver até atingir o ponto de pérola, depois, junte-lhe o pau de canela, a casca de limão, a amêndoa moída, as sultanas, os pinhões, a manteiga e o vinho do Porto; deixe ferver até engrossar. Parta o pão ao pedacinhos para uma tigela e adicione água quente suficiente para amolecer o pão. Junte em seguida o pão ao preparado anterior e leve novamente ao lume. Depois de ferver, retire e deixe arrefecer um pouco. Quando estiver um pouco mais frio misture as gemas e leve de novo ao lume até ferver. Deite o doce num prato ou travessa e polvilhe com canela em pó.

Fonte: tradição conventual

*Otilia Botelho / Rafaela Cardoso*

## HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, Nº 3/1ª Km. 10 Boqueirão - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167



## Os Casos do Outeiro



Não é exagero da minha parte confessar abertamente que, apesar da distância das milhas e dos anos acarretados pela emigração, ainda hoje trago vinculada na SAUDADE a memória ingénua daqueles serões, em noites estivais, quando me juntava aos vizinhos sentados em capachos, na Rua da Ponte Nova (vulgarmente conhecida por Rua do Outeiro, ligando ao Adro das Freiras) da nossa Ribeira Grande, e num silêncio quase religioso escutava, deveras fascinado, a popular narrativa dos chamados ‘casos’ (*historietas e contos*), alguns dos quais eram tão ‘compridos’ que ficavam p’ra acabar no serão da noite seguinte.

A lembrança de um desses casos avivou-se-me na memória quando, recentemente, adquirei numa loja de alfarrábios um livro ilustrado com uma série de ‘estórias’ dos Irmãos Grim, Jakob (1785-1859), e Wilhelm (1786-1859), famosos filologistas e folcloristas alemães.

Embora intitulada “Faithful John” e incluída no livro mencionado, foi esta precisamente a estória que me fez recordar o caso da “Bicha de Sete Cabeças”, que escutei em criança na linguagem simples, mas altamente imaginativa, de um vizinho meu. Visto que esse indivíduo era analfabeto, ainda hoje estou p’ra saber *onde* e *como* ele aprendeu tão curiosas narrativas!

O certo é que Teófilo Braga (1843-1924) em “Contos Tradicionais do Povo Português”, (*Volume I*, Edição de 1987), apresenta-nos a “Bicha de Sete Cabeças” como originária do Algarve, e o meu saudoso “Mestre” Carreiro da Costa igualmente se ocupou dela, em Março de 1974, na Série “Tradições, Costumes & Turismo”.

Evidentemente que não temos dificuldade em deparar com determinadas discrepâncias no que diz respeito aos pormenores usados pelos narradores, mas a similaridade do “enredo” é tal que me deixou totalmente embevecido. Por isso mesmo, decidi recorrer agora às réstias da minha fantasia, daí recolher, ainda que sucintamente, mas em conformidade com a versão original dos antigos “Casos do Outeiro”, alguns elementos descritivos que até agora adormeciam tranquilamente no manto nostálgico da Saudade. Trata-se da amizade entre um jovem príncipe e um pas-

torinho, mas que o rei não consentia e persistia em contrariar, pelo que os dois fugiram e entraram num bosque, encontrando aí uma “princesa encantada” por quem o príncipe se enamorou imediatamente.

Pernoitaram naquela noite junto a três cruzeiras, e enquanto o príncipe e a donzela dormiam, o pastorinho manteve-se acordado. Foi então que aparecem três pombas, pousando cada uma na sua cruz e cada uma dando a sua sentença, fechando com este aviso:

*E quem isto ouvir e não se calar*

*Em pedra mármore se há-de tornar.*

A primeira pomba apontou que os três companheiros iam passar por um laranjal e a donzela pediria p’ra apanhar uma laranja, e rebentaria assim que a comesse; a segunda pomba advertiu que eles passariam por uma fonte, e a donzela arrebataria assim que bebesse a água; e a terceira pomba finalizou acrescentando que se a donzela escapasse a tudo isto, na noite do noivado há-de vir uma bicha de sete cabeças p’ra matá-la. Quando amanheceu os três resolveram regressar ao reino, mas o pastorinho não revelou o que tinha ouvido e presenciado. No entanto, de uma forma engenhosa e sem causar suspeita, conseguiu evitar que

a “princesa encantada” comesse qualquer laranja ou bebesse da água da fonte, que encontraram no caminho.

De volta ao palácio, o rei perdoou o filho e o pastor, e deu o seu consentimento p’ro casamento do príncipe com a donzela. Na noite do noivado, o pastorinho pediu p’ra ficar de guarda à porta dos aposentos do casal. Quando os noivos adormeceram, de imediato apareceu uma bicha de sete cabeças, mas o pastor investiu contra ela e com uma espada matou o monstro, cujo sangue atingiu a cara da princesa.

Apesar de todo o cuidado empregado pelo pastor em limpar aquela nódoa de sangue, a princesa acordou sobressaltada, gritando por vingança visto julgar que o pastor queria beijá-la. O príncipe levantou-se furioso perante tamanha traição, ao que o pastor não teve outro remédio senão contar tudo quanto se tinha passado desde aquela noite em que escutara os três avisos das três pombas nas três cruzeiras.

E enquanto o rapaz ia falando, foi-se tornando pouco a pouco em pedra mármore... Toda a gente no palácio ficou desolada com este acontecimento, sobretudo pelo facto de ter sido tão mal paga a devoção que o rapaz nutria pelo príncipe. Este, por sua vez, resolveu colocar a estátua de mármore, (que fora o seu maior



amigo), no jardim do palácio. Era frequente ver o príncipe trazer os filhos p’ra brincarem no jardim, e sentar-se a chorar junto à estátua, lamentando-se: “quem me dera o meu amigo outra vez vivo!”

Um dia ouviu uma voz que dizia: “Se queres o teu amigo vivo, mata os teus filhos e unta esta pedra com o sangue destes inocentes.”

A princípio o príncipe ainda hesitou, mas retomando confiança no sortilégio da amizade, degolou os meninos e com o sangue deles untou a estátua, que começou a mover-se e logo ali apareceu o amigo outra vez vivo.

Abraçaram-se, comovidos e alegres, após o que o príncipe viu os filhos a correr e a brincar no jardim, como se nada lhes tivesse acontecido... excepto que estavam marcados apenas com uma fitinha vermelha em volta do pescoço.

E dali por diante os dois amigos nunca mais se separaram e viveram todos muito felizes! São de Virgílio de Oliveira (1901-1967) as quadras a fechar esta crónica saudosista:

*Ó minha Ribeira Grande,  
És a terra que mais brilha...  
Com adelos e ferreiros,  
Celeiro da nossa Ilha.*

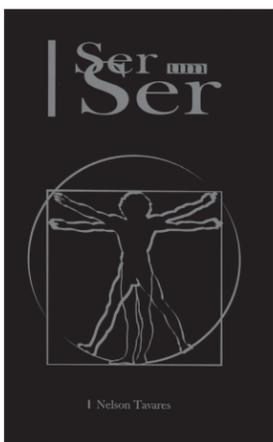
*Comprei na Ribeira Grande  
Quatro coisas p’ra meu uso:  
Uma trempe e uma grelha,  
Uma peneira e um fuso.*

*P’ra ir ao Miradouro,  
Passei por Santa Luzia...  
E fui deixar os meus olhos  
Na costa de Santa Iria.*

*Ribeira Grande, ribeira,  
Onde os pobres vão lavar!  
Lavam tudo... só não lavam  
As penas do seu penar.*

**Ferreira Moreno**

## Nelson Tavares publica livro de poesia

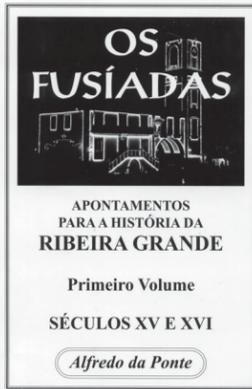


No dia 16 de Fevereiro, pelas 20:00 horas, o jovem Nelson Tavares apresentou, na Junta de Freguesia da Conceição, o seu primeiro livro. Com o título *Ser um Ser*, o conjunto de poemas que percorrem as 96 páginas revelam uma vertente existencial.

A cerimónia de apresentação foi iniciada pelo Padre Edmundo Pacheco,

seguiu-se H. Galante, com algumas considerações sobre o autor, e, depois, Nelson Tavares agradeceu às pessoas e entidades que colaboraram na elaboração e apresentação do livro. A cerimónia terminou com a leitura, por parte de Catarina Furtado, da *Pontilha*, de alguns poemas, com os comentários do representante do Governo Regional do Açores, Ricardo Silva, e com um convívio entre os presentes. Segundo o autor, é um livro que “joga tanto com o bicho como com o pensador, tanto com o egoísta como com o generoso”. Contudo, Nelson Tavares destaca que não pode “discutir cada um dos poemas e temas que neste livro flutuam. Cada um tem de tirar as suas ilações, dependendo das experiências que tiveram, conforme a vida que levam e consoante a maneira que vêem a vida”. Ele espera que possa contribuir para a reflexão e descoberta interna do leitor. O livro encontra-se nas livrarias *Terceiras*, *Sol-Mar*, *Gil* e pode ser encomendado pela internet, através do e-mail [nelsontavares@mail.pt](mailto:nelsontavares@mail.pt). Na compra do livro, o leitor estará a contribuir para a *Abraço*.

## Do livro de Alfredo da Ponte *Os Fusíadas* Prólogo, por Ferreira Moreno



Luís de Camões enalteceu a história de Portugal em “Os Lusíadas”, enquanto Gaspar Frutuoso preservou a história dos Açores em “Saudades da Terra”... Temos agora o Alfredo da Ponte, um verdadeiro arranque de saudades, a presentear-nos com a história da Ribeira Grande em “Os Fusíadas”.

Longe sonhávamos com pórtico mais adequado p’rá abertura deste novo milénio, que a emigração nos constrangeu a celebrar nestas terras de adopção, distantes daqueloutra “terra de saudades” que nos serviu de berço.

No caso presente a referência recai nesse recanto de sonho e nostalgia, regado e embalado pelas águas correntes de uma ribeira, que deu o nome à primitiva vila, hoje jovem cidade, de há séculos conhecida por

Ribeira Grande.

E é sobre esta Ribeira Grande que o Alfredo da Ponte se debruçou, e da sua história foi respingando cronologicamente todos os pormenores em datas e aspectos vários, remontando à infância dessa mesma Ribeira Grande, bem como ajuntando comentários àcerca das pessoas que, duma forma ou outra, contribuíram p’ro seu desenvolvimento.

A presente edição de “Os Fusíadas”, tal como a Mãe d’Água, é apenas a nascente a brotar as primeiras águas que, mais adiante, formarão o caudal da ribeira, ou seja, este é tão sómente o primeiro volume de outros mais em preparação.

Desta vez, o conteúdo espraia-se até ao ano de 1560, ou seja já nas imediações do vulcão ocorrido em 1563. A sua leitura, porém, é inteiramente repleta de novidades devido ao estilo correntio e alegre a que o Alfredo da Ponte nos há acostumando através da sua colaboração na imprensa comunitária.

Torna-se p’ra mim, conseqüentemente amistoso prazer e honra bairrista “apadrinhar” esta aventura do Alfredo da Ponte, a quem efusivamente endereçamos um obrigado tão grande como a ribeira que abraça a nossa terra natal.

Francamente, estamos de parabéns, visto que somos nós próprios os autênticos “fusíadas”... deste e do outro lado do Atlântico, do Pacífico ao Canadá, e mais longe onde quer que se encontre um ribeiragrandense emigrado!

# Óleos

## 20% Desconto

e ainda

### oferta da mudança de óleo

Nos seguinte produtos:

**VISCO 2000**

**VISCO 3000**

**VISCO 7000**

**Melo & Melo**  
 Deseja a todos os estimados  
 clientes e amigos um Feliz Natal e  
 um Ano Novo muito Próspero

# Promoções

# Pneus

P a g u e 3 l e v e 4

e ainda oferta da montagem e calibragem  
 para ligeiros com jantes 13 e 14 (válido até ruptura do stock)

**MELO & MELO, LDA - Centro de Pneus**  
*Todas as marcas de Pneus novos e recauchutados*

**ESTAÇÃO DE SERVIÇO \*SELF - SERVE - LAVAGEM AUTOMÁTICA**

Estrada Regional da Ribeira Grande - Telef. 296.472460 - Fax. 296.477400